



A Experiência de Ser Migrante:
Entre identidades e transitoriedades

Priscila Marchiori Dal Gallo



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



Priscila Marchiori Dal Gallo

**A EXPERIÊNCIA DE SER MIGRANTE:
entre identidades e transitoriedades**

Monografia apresentada ao Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Marandola Jr.

CAMPINAS - SP

2010

**Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca
do Instituto de Geociências/UNICAMP**

Dal Gallo, Priscila Marchiori.

D157e A experiência de ser migrante : entre identidades e transitoriedades /
Priscila Marchiori Dal Gallo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador: Eduardo Marandola Junior.

Monografia (graduação) Universidade Estadual de Campinas, Instituto
de Geociências.

1. Migração. 2. Ontologia. 3. Geografia humana. 4. Geografia da
população. I. Marandola Junior, Eduardo. II. Universidade Estadual
de Campinas, Instituto de Geociências. III. Título.

Título em ingles: The experience of being migrant : between identities and transiencies.

Keywords: - Migration;

- Ontology;

- Human geography;

- Population geography.

Titulação: Bacharel em Geografia.

Banca examinadora: - Eduardo Marandola Junior;

- Wenceslau de Oliveira Junior Filho;

- Lúcia Helena Batista Gratão

Data da defesa: 20/12/2010



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



Autora: Priscila Marchiori Dal Gallo

Título: A experiência de ser migrante: entre identidades e
transitoriedades

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Marandola Jr

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Marandola Jr.
(NEPO/Unicamp)

Prof. Dr. Wenceslao Machado de Oliveira Jr.
(FE/Unicamp)

Profa. Dra. Lúcia Helena Batista Gratão
(UEL)

Campinas, 20 de Dezembro de 2010.

DEDICATÓRIA

*Dedico a todos aqueles que de diferentes maneiras
permitiram tornar este trabalho possível*

AGRADECIMENTOS

*Agradeço aos professores da graduação por
terem compartilhado seus conhecimentos
e ao Instituto de Geociências pela
dedicação quanto a nossa formação como
geógrafos*

*Agradeço ao Nêpo por ter permitido
a participação em pesquisas
que contribuíram para
o nosso desenvolvimento
enquanto aluna e nossa aprendizagem
enquanto pesquisadora*

*Agradeço à minha família
por todo apoio que me deram
todos esses anos*

*Agradeço o meu grupo de estudos
que me permitiu crescer
enquanto pessoa
enquanto futura pesquisadora
graças aos encontros, leituras e discussões*

*Agradeço aos meus amigos
pela disposição em dialogar
pela disposição em ajudar
seja academicamente ou pessoalmente*

*Agradeço ao meu orientador por
permitir que conhecesse mais sobre a Geografia
e que gostasse cada vez mais dela
pela paciência, por acreditar, pelo rigor
e sobretudo pela confiança, amizade e presença*

A eles meu sincero e eterno agradecimento

DAL GALLO, Priscila M. **A experiência de ser migrante:** entre identidades e transitoriedades. 2010. 70f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RESUMO

Que é a experiência de ser migrante? Há necessidade de abordar o fenômeno migratório para além de um grande fluxo, ou um macro processo. A compreensão deste fenômeno antes envolve adentrá-lo em busca das implicações que o migrar tem nas esferas imediatas da vida. Mais essencialmente quais as implicações do deslocar-se no ser, isto é, quais as implicações de deixar seu lugar de origem e migrar para o lugar de destino, que se configura como um lugar alheio, estranho. Pensamos, neste sentido, que migrar trata-se de uma questão ontológica, isto é, que atinge o sujeito desde o seu ser. O movimento suscitado pelo deslocamento é o de colocar o ser num estado transitório, ou melhor, numa transitoriedade ontológica. As repercussões deste movimento se refletem em como os migrantes lidam com os lugares, ou como eles negociam seu envolvimento no local de destino. Esta negociação envolve diretamente a constituição do lugar, visto que o ser é sempre um ser-aí, isto é, um ser situado. Torna-se necessário, contudo, refletir sobre que significa migrar e de ser migrante, no âmbito da experiência em sua dimensão espacial e existencial frente à transitoriedade e fluidez contemporâneas. Buscamos realizar esta reflexão a partir da necessidade do ser em manter sua unidade na identidade, entendendo a identidade não de forma abstrata, mas como a união de uma unidade. O migrante consigo mesmo ser ele mesmo o mesmo.

Palavras-chave: Lugar, Migração, Ontologia, Geografia Humanista, Geografia da População

DAL GALLO, Priscila M. **The experience of being a migrant:** between identities and transience. 2010. 70p. Monograph paper (Geography Graduation) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ABSTRACT

What is the experience of being a migrant? To address migration phenomenon beyond a large flow or a macro process is needed. The phenomenon comprehension demands get inside it on the search for the implications that migration has on aspects of immediate life. Fundamentally, what are the displacement implications to the self, that is to say, what are the implications of leaving the place of origin and migrate to a destination, once it is configured as an alien and weird place. Said that, we assume that migrate is an ontological question, namely, that affects subjects from their beings. The motion raised by this displacement is to place the self at a transient state, or better, at an ontological transience. Thus, the repercussion of this is reflected in how the migrants cope with places, or how they negotiate their involvement at the destination place. This negotiation deals directly to the place constitution, once being is always a being-there, that is, a located being. However, turns out to be that is necessary to reflects upon what to migrate and be a migrant mean on the scope of its spatial and existential dimension experience face to the contemporary fluidity and transience. We carried out this reflection from the necessity of being in maintaining its identity unity, not understanding identity in some abstract way, but as the union of one unit. A migrant himself being himself the same.

Key-words: Place, Migration, Ontology, Human Geography, Population Geography.

SUMÁRIO

CAMINHOS DA PESQUISA	10
1. O MIGRANTE NO CONTEXTO DA FLUIDEZ CONTEMPORÂNEA	19
1.1 A condição de estar-entre: a transitividade e transitoriedade na modernidade	21
1.2 O lugar: a base de negociação do ser-estar no mundo do migrante.....	27
2. EVENTUALIDADE E TRANSITORIEDADE NAS ESPACIALIDADES MIGRANTES	37
2.1 O lugar migrante: relação, experiência e eventualidade	38
2.2 O movimento na espacialidade migrante: aproximações com a espacialidade Ma e o circuito das seqüências	43
3. SER MIGRANTE: ENTRE IDENTIDADE E DIFERENÇA.....	51
3.1 Contruir e habitar o lugar: geográficidade e diferença.....	52
3.2 Identidade: ser e lugares.....	54
EM BUSCA DOS SENTIDOS DO MIGRAR	63
REFERÊNCIAS.....	66

CAMINHOS DA PESQUISA

Sempre é difícil saber ao certo como começar um trabalho. Então começemos do começo. Com começo queremos dizer, de onde surge a motivação de escrever este trabalho. Porque estudar a migração e o migrante? A motivação se manifestou de maneira muito simples, ela decorreu de uma leitura (curiosa) sobre os brasileiros migrantes no Japão: o livro *Para onde vão os brasileiros?* (KAWAMURA, 1999). Leitura que foi suscitada por um interesse pela cultura do país (que vai para além do acadêmico).

Por meio desta leitura descobrimos outras faces do movimento migratório até então desconhecidas. A ausência de uma disciplina sobre Geografia da População, nos primeiros anos (e ao longo de toda graduação), e uma visão, talvez, limitada do que significava migrar, (simples fluxo “daqui” pra “lá”), fez com que as implicações do ato de migrar fossem pouco exploradas. O livro, então, despertou nossa atenção para a vida do migrante, as motivações do sujeito, as implicações de sua ausência para sua família, para situações e desafios diários que os migrantes têm que negociar e enfrentar.

Logo no segundo ano da graduação, cursando a disciplina de Metodologia da Geografia, na qual foi solicitada a elaboração de um projeto de pesquisa, retomamos nosso interesse pela leitura inicial. Pensamos que abordar a migração dos brasileiros no Japão seria interessante, tanto pela nossa simpatia em relação à cultura japonesa quanto pela oportunidade de pensar uma pesquisa que nos permitisse conhecer um assunto novo (que logo de princípio despertou nossa atenção). Durante a elaboração do projeto para a disciplina entramos em contato com os autores da Geografia Humanista, em especial, aqueles que tratavam de lugar como Edward Relph, Yi-Fu Tuan e Anne Buttimer.

Nossa escolha, então, foi por pensar a migração por meio da categoria lugar. Esta permitiria um entendimento do fenômeno como uma questão que toca a relação sujeito-lugar. O lugar possibilitaria atentar para a micro-escala. Este olhar (micro) revelaria as diversas facetas e nuances do fenômeno migratório, o que elucidaria sobre que é viver (diariamente) como migrante. A partir disto seria possível refletir sobre como afinal os migrantes lidam com a problemática de viver numa situação inalienável de estranhamento e a negociação de estar em outro lugar.

Em vista do interesse pela bibliografia sobre lugar e pela vontade de dar continuidade e realizar efetivamente o projeto, entramos em um grupo de estudo sobre Geografia Humanista e por meio das discussões e leituras feitas no grupo ampliamos o contato com a literatura da Geografia Humanista, agora expandindo os autores e os temas.

Este aprofundamento nas leituras na corrente humanista elucidou que a reflexão sobre a relação sujeito-lugar para o entendimento do fenômeno da migração poderia caminhar pela compreensão da experiência. Aprender a experiência dos migrantes permitiria alcançar a relação do sujeito migrante com seus lugares (seja na origem ou no destino).

Os geógrafos humanistas têm tido o esforço de recolocar a experiência e valores humanos como centralidades para entendimento do mundo (MARANDOLA JR., 2005a). Estes vêem o mundo como uma relação recíproca entre sujeito-lugar, sendo estes indissociáveis. O lugar é um centro de significância construído pela experiência do sujeito (TUAN, 1975). O entendimento da experiência, como Marandola Jr. (2005b) argumenta, é o entendimento da experiência do envolvimento com o mundo. Ela permite apreender o significado do envolvimento do homem com e no seu mundo.

A Geografia Humanista retoma o lugar como uma categoria analítica buscando, orientada pela matriz filosófica fenomenológica, resgatar a consciência pré-científica, no intuito de entender a experiência geográfica do homem na constituição da relação orgânica sujeito-lugar. Aprender a experiência sensível intersubjetiva exige um esforço de retorno às essências,

ou às “bases pré-conscientes, orgânicas e sensoriais que precedem o conhecimento em si” (BUTTIMER, 1982, p.171).

Em vista disso pensamos em abordar de forma mais essencial que significa migrar, reconhecendo as implicações ontológicas do ato de migrar, ao refletir os significados das experiências migratórias na vida dos indivíduos.

Simultaneamente, as leituras no campo da Geografia Humanista, buscou-se um aprofundamento na bibliografia dos estudos de população. Por meio de textos que tratassem das teorias migratórias para entender o fenômeno da migração, bem como, como ele é tratado e concebido por aqueles que o estudam. Esses textos englobaram autores de diversas áreas como: Antropologia, Sociologia, Demografia, Psicologia, Geografia.

Com essas leituras sobre os estudos populacionais entramos em contato com diversas visões a respeito do fenômeno migratório. De forma geral as teorias migratórias apresentam um forte viés economicista. Elas entendem que a decisão por migrar, seja ela individual ou coletiva, são engendradas pela motivação de um benefício monetário e material. Esta decisão é sempre provocada pela desigual distribuição de recursos entre as diferentes localidades e uma busca por elevar a renda alcançando bem-estar econômico (SOARES, 2002; 2004). Estas teorias de certa forma se iniciam com a proposição de Ravenstein (1980) de algumas leis da migração, que reduziam o movimento dos sujeitos a um deslocamento motivado por questões econômicas e um simples reajuste entre os desequilíbrios do mercado de trabalho e salário entre localidades diferentes.

Contudo, as teorias não se reduzem a esta visão. Há teorias que se opõe a esta noção economicista sobre a migração e que pensam o migrante não como um sujeito inerte (que é literalmente empurrado a migrar). Entre elas esta a teoria do transnacionalismo, que pensa a migração como um processo em que o sujeito tem uma participação ativa. O migrante tem direito a escolhas e são estas que operam e estruturam em grande medida os fluxos migratórios (BRETTELL; HOLLIFIELD, 2008). Nosso primeiro contato com a teoria se deu através dos textos de Giuliana Sinnatti, uma geógrafa italiana, que trabalhou em sua tese de doutorado com a

migração embasada na literatura do transnacionalismo. Sua tese se desdobrou em artigos, através dos quais tivemos acesso a sua discussão (SINATTI, 2006; 2008)

A Geografia tem se inserido no transnacionalismo buscando entender a dimensão espacial da migração. A partir da análise da distribuição espacial (assimilação espacial) dos migrantes no local de destino (HARDWICK, 2008).

A preocupação com a população na Geografia tem sido uma constante. As monografias regionais francesas, como Trewartha (1953) menciona, já traziam estudos sobre a população. Desde os trabalhos de Vidal de la Blache, como o clássico *Principles of Human Geography* (1918), e a *Geographie Humaine* de Jean Bruhnes (1910), que trataram da distribuição espacial da população, tamanho e espaçamento das unidades residenciais, encontros entre populações distintas. O entendimento da distribuição espacial da população tem orientado a estruturação, as reflexões e desenvolvimento do campo da Geografia da População. O campo busca entender os diversos fatores (sociais, culturais, econômicos, políticos, ambientais) que têm influenciado e engendrado as dinâmicas espaciais. Estas que configuram a distribuição da população, e como esta dinâmica tem configurado os diferentes lugares (ZELINSKY, 1969).

Contudo, a partir de 1960, houve uma aproximação do campo com a Demografia, e os trabalhos empíricos e descritivos se tornam a tônica. Tal aproximação trouxe diversas contribuições para a Geografia da População. Porém, houve com isso um distanciamento do campo em relação ao contexto mais amplo da Geografia (FINDLAY; GRAHAM, 1991).

Os geógrafos da população tem se postado a reverter este quadro. Segundo Hardwick (2008), os geógrafos que estudam a migração tem sentido a necessidade de desenvolver aparatos teóricos que permitam alcançar a realidade do fenômeno migratório. Eles o fazem pensando que em nosso tempo, o qual envolve interconexões transnacionais na distribuição espacial da população. É notável a segmentação dos lugares destinados aos diferentes âmbitos, atividades de nossas vidas. Entre os lugares é tecida uma

teia de interconexões e interligações, tal qual tem dinamizado a ocupação sucessiva dos lugares (LÉVY, 2001; MARANDOLA JR., 2008a).

As leituras no campo dos estudos de população e da Geografia Humanista nos levou à refletir sobre como o fenômeno migratório vem sendo tratado nos estudos sobre migração. Sentimos falta de uma discussão que considerasse a dimensão espaço-existencial da migração. Esta dimensão está no cerne das reflexões dos geógrafos humanistas, sendo ela considerada essencial para o entendimento do nosso ser-no-mundo. Pensamos que esta dimensão é fundamental para a compreensão da migração como uma questão ontológica. Tal compreensão tem se tornado nossa busca. A discussão sobre o migrar pode se tornar mais plena quando partimos do entendimento do ser. Pois afinal de contas, o âmago das implicações e questões que brotam do fenômeno migratório está no migrante, no ser migrante. Em vista disto, nos deparamos com a seguinte uma problemática.

Por um lado, existe uma busca nos estudos migratórios pelo entendimento dos reflexos da migração nas esferas mais próxima do sujeito, como, por exemplo, estudos sobre a saúde dos migrantes (SHIRAKAWA, 2001; LECHNER, 2007); as separações familiares (MORIYA, 2001; HORTON, 2008); as relações geracionais (GARDNER; GRILLO, 2002). Estas embora não tratem da dimensão ontológica da migração, mostram uma inclinação de romper com um olhar panorâmico e superficial sobre o fenômeno migratório e os migrantes. Porém estes estudos não abarcam a dimensão espacial, eles tratam as questões referentes ao ato de migrar de forma a-espacial.

Por outro lado, os estudos que se atentam ao papel do espaço no entendimento da migração, por vezes, não o fazem à luz das experiências do próprio migrante. Em outras palavras, não buscam alcançar a dimensão espaço-existencial da migração. Há uma busca recorrente por eleger motivos e causas para que o sujeito migre.

Mas, existem trabalhos que investigam a dimensão espacial através da experiência dos migrantes. Contudo estes trabalhos remontam sua argumentação sobre uma concepção de identidade (central em muitos deles) que não permite alcançar propriamente a dimensão ontológica da migração. Esses

estudos partem de uma concepção metafísica da identidade, que implica em um tratamento abstrato desta. A experiência de migrar é discutida a partir de generalizações e de uma busca do migrante por reconstituir sua comunidade (para então estar entre seus pares). A identidade estaria estreitamente atrelada a esta comunidade. Por exemplo, a comunidade dos brasileiros nos Estados Unidos, no Japão, no Paraguai, etc, que permitem que os migrantes continuem a serem brasileiros.

Em vista disto, a preocupação com a dimensão espacial e as implicações ontológicas do ato de migrar, ou em outras palavras, refletir a processo migratório pesando a relação sujeito-lugar-experiência, não está em pauta nas discussões dos estudos migratórios. Qualquer que seja seu foco (a-espacial ou espacial).

Diante disto buscamos conciliar a discussão dos estudos migratórios (por nos ajudar a compreender outras facetas que não a espacial do processo migratório) com a discussão da Geografia Humanista sobre a dimensão espacial-existencial da relação sujeito-lugar. Esta busca foi realizada no desenvolvimento dos projetos feito na disciplina de metodologia (que se tornou nosso projeto de monografia) e do projeto de pesquisa (de iniciação científica) em que estudamos o papel da migração na constituição do município de Holambra (DAL GALLO, 2010).

No projeto da monografia na tentativa de apreender a experiência dos migrantes no Japão, buscamos metodologias qualitativas que revelassem as experiências dos migrantes. Optamos pelo Método do Diário. Este método consiste basicamente na solicitação do pesquisador aos participantes da pesquisa de diários que tragam o registro cotidiano das vivências e experiências do sujeito (DAL GALLO; MARANDOLA JR., 2010). Contudo, a aplicação deste método se mostrou inviável no momento.

Foram iniciados os contatos com migrantes brasileiros no Japão, através de seus blogs e e-mail, bem como, foram elaborados os formulários de explicação e escrita dos diários posteriormente enviados àqueles que aceitaram participar de nossa pesquisa. Mas este método demanda muito tempo. É necessário um período relativamente longo (foram apontados 15 dias pela

bibliografia) para que se obtenham relatos em que o indivíduo se faz presente e se expressa revelando suas experiências. Em vista disto, apoiamo-nos então, aos estudos (de caso e empíricos) apresentados na literatura para nossas reflexões.

A busca pelo entendimento da dimensão ontológica da migração culminou no encontro da concepção de identidade de Heidegger como norteadora das reflexões. A discussão do princípio da identidade feita pelo filósofo nos permite tratar a migração como uma questão que toca diretamente o ser. Para Heidegger (1999, p. 174) a identidade é a unidade que “constitui um traço fundamental no seio do ser do ente”.

E esta noção de identidade de Heidegger permite entender uma das questões essenciais da migração que é a busca do migrante pela continuidade de seu ser, isto é, por continuar sua narrativa existencial. Bem como, qual o papel do lugar nesta busca. Se nosso lugar é nossa base existencial, a relação de interdependência que estabelecemos com ele é essencial para a continuidade de nosso ser. Deixar seu lugar, portanto, implica no distanciamento daquilo que nos dá segurança existencial (MARANDOLA JR., 2008b). O que teria o potencial efeito de provocar um estado de insegurança e incerteza, pois o deslocar-se afrouxaria a conectividade/receptividade sujeito-lugar, colocando o indivíduo em um estado de suspensão (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010). Tal estado se desdobra no desejo do migrante por engendrar a constituição de seus lugares, de forma que possa voltar a habitar. Ato que, como nos coloca Heidegger (2001), tem a propriedade de resguardar e cultivar o ser essencialmente. Em outras palavras, os lugares permitem o migrante poder ser ele mesmo o mesmo.

Ponderamos, no entanto, que o migrante existe e constitui seus lugares num tempo que se caracteriza (1) pelo desordenamento dos lugares, não existem parâmetros e pertencimentos naturais, mas sim escolhas cujas conseqüências são desconhecidas; (2) pela dispersão do Eu por entre lugares; (3) pela flexibilidade, projeto reflexivo do Eu. Nossa discussão sobre a experiência migrante está alocada neste contexto, o qual precisa ser considerado para que o processo migratório possa ser apreendido e entendido em sua especificidade.

Em vista disto, a monografia se estrutura em três sessões. Pensando por meio destas apresentar o contexto em que a migração tem decorrido (nosso tempo, aprofundar e desenvolver a importância da dimensão espacial-existencial (por meio do lugar) e discutir a identidade como cerne do entendimento do fenômeno migratório.

Na primeira sessão: “A migração no contexto da fluidez contemporânea”. Na qual em um primeiro momento propomos discutir o cenário em que têm ocorrido as migrações, marcado pela flexibilização e fluidez. Buscamos refletir como este cenário contemporâneo tem reverberado no processo migratório rompendo com sua linearidade tanto no que diz respeito à permanência no local de destino, quanto no que se refere ao processo de assimilação. Posteriormente pensamos sobre as distintas maneiras como o migrante procura assegurar a continuidade de seu Eu, que oscila entre se inserir no local de destino via os lugares constituídos (pelos migrantes) ou via os lugares genéricos. Pensamos a relação do sujeito com seus lugares e quais as implicações e reverberações desta no ato de migrar.

Na segunda sessão: “Eventualidade e transitoriedade nas espacialidades migrantes”, buscamos, primeiro, aprofundar a discussão sobre os lugares, refletindo sobre a relação estabelecida entre os sujeitos migrantes e seus lugares. Discutimos sobre como esta relação orgânica e intrínseca e ao mesmo tempo, dinâmica e mutante fornece um amparo para a continuidade do ser migrante. Depois refletimos sobre as implicações da migração na dimensão espaço-existencial dos lugares, entendendo-os como existências sujeitas à mutação; como espaços abertos a possibilidade.

Finalmente na terceira sessão: “Ser migrante: entre identidade e diferença”, colocamos de início uma reflexão sobre a coerência narrativa do ser migrante. Discutimos o papel da diferença na preservação da unidade do ser na identidade mediante a geograficidade. Em seguida discutir o papel da identidade (no sentido heideggeriano) no entendimento da migração como uma questão ontológica.

Entrikin (1980) afirma que os homens são seres que têm como um de seus traços característicos a liberdade de escolha. A partir disto,

pensamos que esvaziar as decisões e ações dos sujeitos migrantes de sua intenção e significação é desprover o indivíduo de um de seus traços essenciais. A partir disto buscamos recolocar o sujeito como a centralidade dos estudos migratório. Propomos fazê-lo por meio da apreensão da experiência de ser migrante. Esta que permite compreender a relação do sujeito migrante com seus lugares e, então, elucidar a dimensão espaço-existencial na migração. Em outras palavras, podemos entender as implicações ontológicas do ato de migrar, visto que tal relação pode ser concebida como o fundamento ontológico do ser.

1

O MIGRANTE NO CONTEXTO DA FLUIDEZ CONTEMPORÂNEA

“As pessoas que me viam com meu pai perguntavam: ‘Essa é sua filha? Tem certeza de que é sua filha?’ [...] começou assim. Depois comecei a entender. Eu via o espanto deles, eles estavam escandalizados! ‘Os filhos da França!’ como eles dizem. É assim que nos chamam”
Zahoua (SAYAD, 1998, p. 183 – grifo do autor)

“Meu pai, que não fala muito, mas que conhece o peso das palavras... da palavra certa, ele diz de nós: ‘Vocês, nós não sabemos o que são!... De onde vocês vêm, de onde vocês vêm?’”
Zahoua (SAYAD, 1998, p. 209 – grifos do autor)

“Lá [na Argélia], eles se sentem seguros [...] lá deve ser simples: há o bem e o mal; ou você está dentro da norma ou não está. [...] Mas aqui na França é mais complicado”
Zahoua (SAYAD, 1998, p. 183)

Há um embate claro entre duas situações. A primeira se refere à clareza de códigos normativos fixos que regulam e controlam os comportamentos das pessoas, estabelecendo as linhas de ação e conduta aceitáveis e legitimadas. Uma estrutura definida, rija se ampara num sistema de prescrições e proscricções balizadoras. Estes traçam padrões claros de ações e conseqüências. A segunda se refere a um estado inconstante e indefinido de ações e atitudes, cuja imprevisibilidade é motivo de preocupação, medo, insegurança. Este estado é desdobramento de uma abertura para uma ampla possibilidade de escolhas. Um estado permanente de recomeço e indeterminação.

Este é o embate que tem permeado nosso tempo da modernidade. O embate entre liberdade e reflexividade e segurança e permanência.

Estes trechos nos fazem pensar nesses embates em uma condição específica: migração. Ao mesmo tempo em que o sujeito tem liberdade de realizar suas próprias escolhas sobre sua política da vida, estando este livre de

laços preestabelecidos, a previsão das suas escolhas e atos se tornou menos definidos e claros. Os sujeitos têm a liberdade de escolher uma vida permeada pela mobilidade, contudo esta opção lhe traz conseqüências e implicações com as quais ele precisa lidar. Como nos trechos citados, em que o pai de Zahoua, migrante Argelino, tem que lidar com as complicações da França (convívio com contradições morais), com o estranhamento de seus filhos por parte de seus amigos e familiares e com o seu próprio estranhamento diante do modo de ser de seus filhos. Se na Argélia tudo era muito claro (certo ou errado), na França o que fazer? e como agir?, são menos simples. Cabe ao sujeito encontrar suas respostas (continuamente) a essas perguntas. Como argumenta Sayad (1998), diante dessas questões cruciais o migrante se torna seu próprio analista, para então ele mesmo elaborar perguntas e respostas que lhe permita se entender em outro lugar.

O migrante se encontra em uma condição intermediária. Goettert (2009) fala da transitoriedade migratória, isto é, a indefinição do migrante quanto a onde ele pertence. O migrante permanece no limiar entre “ser daqui” ou “ser de lá”. Em outras palavras, a transitoriedade é um “estar-entre” “aqui” e “lá”, vivendo em um duplo sistema de referências. O migrante se insere no contexto alheio de um lugar alheio. Ele não partilha das suposições locais sobre os hábitos e condutas. Ao mesmo tempo, o migrante não se desvencilha de seus laços essenciais com sua terra natal, já que isto representaria, como coloca Sayad (1998), uma negação ou uma traição de si. Como reflexo o migrante vive os sistemas de referencia: do destino (mesmo como uma contradição) e de sua terra natal.

Como o migrante em nosso tempo da modernidade líquida tem lidado com sua condição de transitoriedade? Como este tem orientado suas decisões diante da amplidão de escolhas? Pensamos que o migrante, nestas condições, se posta a auto-analise, a fim de descobrir o caminho, isto é, um caminho que garanta seu bem-estar e sua integridade existencial. A ele compete conciliar suas referências dispersas entre “aqui” e “lá” sem perder-se, sem ter a sensação esmagadora de ter deixado a si mesmo.

1.1 *A condição de estar-entre: a transitividade e transitoriedade na modernidade*

Questões existenciais como: quem quero ser? Quem devo me tornar? A quem e a qual lugar pertença? São questões de auto-reflexão feitas pelos sujeitos desde sempre. Contudo, aqueles que vivem na modernidade têm as suas respostas a essas questões postas em cheque com mais frequência do que gostariam. A cada tentativa de respondê-las a capacidade do sujeito de encontrar um equilíbrio entre segurança e risco é colocada a prova. Estas respostas envolvem sempre responsabilidades individuais.

Contudo, para entendermos estas questões, devemos nos perguntar que é a modernidade líquida?

Giddens (1991) a pensa como um contraponto de um mundo pré-reflexivo, este que se estruturava pelo controle das impulsões das vontades humanas, isto é, um controle rígido das possibilidades a fim de uniformizar a conduta dos sujeitos. Neste mundo, para Bauman (2003), prevalecia a “engenharia social”, isto é, uma padronização, vigilância, monitoramento e direcionamento das ações dos sujeitos. Rotinas eram impostas e seguidas. Sua lógica não era questionada, ou mesmo conhecida, mas apenas posta em operação.

Na modernidade líquida, esta estrutura se liquefaz. A regularidade dos códigos, a contingência da variedade das idiossincrasias é rompida. As ambigüidades, imprevisibilidade, incerteza, multiplicidade são as novas palavras de ordem (BAUMAN, 2001). A desregulamentação, flexibilização e reflexividade promovem uma mudança que rescinde com o sistema de normas e predileções por dadas ações e comportamentos, convertendo o mundo, num mundo das escolhas (nem sempre partilhadas) múltiplas e, em grande medida, incertas.

Tal quadro tem por efeito causar um estado de mal estar, o mal-estar da pós modernidade, discutido por Bauman (1998). Para o autor, este mal estar é causado por uma desorientação para efetuação das escolhas, ou seja, tem-se autonomia para escolher, contudo, poucos são os parâmetros e referências de orientação para efetivá-las. O preço a pagar é a insegurança, pois falta uma visão *a priori* do estado final desejado. Houve um desmantelamento da

institucionalidade da segurança. A sociedade e Estado até então considerados como salva-guardas dos cuidados compartilhados contra os infortúnios individuais têm parte de suas funções privatizadas em vista da crescente impessoalidade, individualização nas sociedades.

É nessas circunstâncias que o migrante negocia sua existência. Qual o reflexo desse quadro no ato de migrar? O que marca a migração no nosso tempo? Uma busca por manter a narrativa existencial coerente, preservando um sentimento de continuidade, sem que se caminhe para a rigidez e permanência absoluta.

Em vista de uma política emancipatória em favor da liberdade de ação, permeada pelo direito a diferença e a resistência ao enquadramento à moldura social, as escolhas feitas em dado momento pelos sujeitos não devem impedir as possibilidades futuras de firmar outros novos compromissos.

Em vista disto, há a possibilidade da negociação da inserção dos migrantes à sua própria maneira, sem exigência de abdições de seus referenciais e da lealdade exclusiva ao local de destino, que culminariam numa imposição de prescrições. A negociação permite o migrante engendrar um processo inclusivo e não substitutivo dos referenciais identitários. Este pode optar por ter uma participação mais ou menos ativa na vida social, cultural do local de destino. Contudo, ele deve ter consciência de que suas escolhas tem conseqüências e de que elas devem ser auto-gestadas. Sejam elas boas ou ruins elas recaíram sobre o migrante.

Alguns estudos tem tido preocupação com essas questões e buscam saber como os migrantes têm feito suas escolhas e quais os eventuais reflexos delas. Como nos estudos abordando a migração dos mexicanos para os Estados Unidos. Stodolska e Santos (2006) e Fitzgerald (2008) discutem a migração mexicana focando-se nos reflexos da migração na família. Os autores atentam para as conseqüências da separação dos familiares. Como os migrantes têm lidado com essa separação? E diante de sua situação de ilegalidade, como manter os laços familiares? Os migrantes a princípio têm como meta ajudar seus familiares que ficaram no México. Para tanto eles têm que lidar, a princípio, com uma situação de precariedade de trabalho e condição de vida. Contudo, com sua

permanência no lugar de destino (Estados Unidos) sua situação passa a melhorar. Com isso, estes migrantes começam a almejar por construir sua própria vida, ter sua casa, sua esposa(o), seus filhos(as). O que traz outras preocupações, como o bem-estar de sua nova família, ou de seu filho que acaba de nascer, etc. O migrante não mais se dedica exclusivamente ao trabalho. Este não trabalha apenas para enviar remessas, o migrante tem novas ambições.

Estas novas ambições precisam ser autogestadas: o migrante deve decidir qual curso de ação tomar. Mas ele deve ter em mente que qualquer que seja o curso escolhido ele será sempre um balanço entre as escolhas e as possibilidades. Tal balanço pode e sempre será questionado, até por ele mesmo.

Uma situação muito semelhante é a dos migrantes brasileiros no Japão. Em princípio os migrantes brasileiros, têm a preocupação em acumular uma poupança e enviar remessas para seus familiares, isto faz com que ele se dedique quase que exclusivamente ao trabalho. Entretanto, muitos migrantes após alguns anos no Japão, passam a ter outras preocupações, outras metas e desejam poder desfrutar dos ganhos de seu trabalho. Alguns continuam como operários, mas formam sua própria família, realizam viagens dentro do Japão e para países vizinhos e vivem uma vida mais confortável materialmente. Outros até mesmo juntando um “pé de meia” resolvem montar um negócio próprio. (KAWAMURA, 1999; FERREIRA, 2007; WATANABE, 2008).

Estes migrantes fizeram sua opção por migrar, fizeram sua opção por permanecer, ao mesmo tempo, fizeram sua opção por dar continuidade a sua narrativa existencial. Tal decisão, entretanto, traz desafios.

Questionamos, então, o que envolve a negociação da inserção dos migrantes? Em ambos os exemplos, nota-se que os migrantes continuam, ainda que tenham construído toda sua vida no país de destino, voltados para seu país de origem, sua terra natal. Este apego às origens nos faz pensar que a migração toca questões existenciais. A todo o momento o migrante busca um caminho que supere sua condição contraditória. Neste caminho surgem sempre os questionamentos: que estou fazendo é certo? Como devo agir agora? A fim de manter a integridade do Eu.

Os migrantes têm adotado uma política da vida permeada pela mobilidade, multipertença e transitividade. Em vista disto, a coesão de sua narrativa existencial exige e depende de uma aproximação, interação e intercâmbio entre lugares geograficamente distantes, ou interconexões transnacionais. Em outras palavras, a narrativa existencial do migrante preserva sua integridade por sua condição de “estar-entre”: “lies somewhere in between” (BECK-GERNSHEIN, 2007).

Este “estar-entre” é um desdobramento dos engajamentos em práticas e atividades transnacionais, que acabam por se rotinizar e integrar o cotidiano dos migrantes. Em outras palavras, o migrante não vive o movimento migratório de forma polarizada, unidirecional e linear. A permanência e adaptação do migrante são relativizadas em função da simultaneidade de práticas culturais, econômicas, espaciais individuais e coletivas que permitem uma inserção do migrante no local de destino que não exijam sua aculturação, isto é, sem transformações identitárias radicais. Os migrantes optam por um “modo de ser” (*ways of being*) e “modo de pertencer” (*ways of belonging*) (LEVITT; GLICK-SCHILLER, 2004). Eles decidem sobre suas relações intersubjetivas e as práticas sociais e culturais que incorporam e colocam em vigor. Isto é, o migrante decide sobre seu “modo de ser”. Ao mesmo tempo constrói sinais e referenciais que demonstrem uma busca consciente da afirmação identitária. O migrante, então, decide sobre seu “modo de pertencer”.

A manutenção das práticas transnacionais é permeada por um estado de transitividade, o qual não se refere apenas aos movimentos físicos e à co-presença corporal, mas um trânsito subjetivo, ou a “passagem” de um lugar para outro, caminhando para (re)acomodação (GOETTERT, 2009). Contudo, essa passagem não se finda. Os envolvimento e relações que ligam os migrantes a seu lugar de origem são múltiplos e não desvencilháveis. Isto exige a co-presença (ainda que não corporal do migrante) que se desdobra em uma série de atividades que conectam origem-destino. Além dos meios tradicionais como telefone, cartas, telegrafo, a própria televisão e jornais, existem hoje os blogs, os programas de comunicação instantânea, sites de relacionamento como Orkut ou Facebook, e os e-mails, que permitem a comunicação entre migrantes e não-

migrantes. Para além desses veículos, as festividades, visitas freqüentes ou ensejadas pelos eventos do ciclo de vida (casamento, aniversários, morte), consumo de produtos do país de origem, remessas (dinheiro, aparelhos, objetos) são outras formas do migrante manter-se interagindo com a terra natal.

Neste sentido, o “estar-entre” é um estar “aqui” que não se opõe ao estar “lá”. O migrante está entre. Pensamos este “estar-entre” como Heidegger (2001, p. 136) propõe pensar a travessia, como num exemplo sobre a travessia de uma sala: “Quando começo a atravessar a sala em direção a saída, já estou lá na saída. Não me seria possível percorrer a sala se não fosse de tal modo.” Que quer dizer? A possibilidade da travessia significa ter sobre si o começo e a saída da sala ao mesmo tempo. O migrante está entre, na medida em que tem sobre si, ao mesmo tempo, o “aqui” e o “lá”, o corpo não se encapsula num “aqui”, porque ele também está “lá”.

Este “estar-entre” pode ser entendido também como um trânsito entre lugares. Os sujeitos migrantes transitam por diferentes lugares em sua vida diária, por exemplo, ao sair de seu lugar de trabalho em que se está envolto à um conjunto de referenciais, coisas e pessoas (essencialmente) “locais” o migrante chega à sua casa, ou a um pequeno comércio em que pode encontrar seus amigos, e passa a estar envolto por tudo que lhe traz à sensação de intimidade e familiaridade. E mesmo nos momentos de retorno, os migrantes vivem o “estar-entre”. Ainda que na sua terra natal eles continuam conectados à seu lugar de destino. Como no caso apresentado por Sayad (1998) do migrante argelino, B. Ahmed, que retorna da França a Argélia. Este ainda que retorne momentaneamente para sua aldeia de origem tudo lembra a ele sua condição de emigrante. A sua situação de contradição e fragmentação é exposta nua e cruamente. Seus filhos são apontados como “filhos da França”, desnaturados pela sua educação francesa. Seu Eu árabe, argelino mulçumano é posto em cheque. A França está presente a todo o momento através de seus filhos, no que ela faz deles.

Nesse sentido, “estar-entre” reflete o movimento de fragmentação e diversificação das experiências, que os diferentes contextos propiciam. Esta situação coloca aos sujeitos, como Giddens (2002) afirma, em

uma dualidade entre a unificação e a fragmentação do Eu, que se torna ao mesmo tempo contextualizado multiplamente e disperso.

O equilíbrio desta dualidade exige uma auto-observação contínua, ou uma autoterapia, isto é, em cada momento o sujeito reforça ou abdica de suas escolhas e decisões, guiando-se pela pergunta: o que eu quero para mim agora? (GIDDENS, 2002). Esta reflexão possibilita ao migrante avaliar a sua situação e tomar decisões, fazendo escolhas que mantenham o curso de suas ações ou o altere de forma que estes possam dar continuidade ao seu projeto reflexivo de constituição do Eu.

Este ponderamento por parte do migrante se desdobra numa forma de assimilação que se realiza através da escolha. O migrante determina que campos da vida diária, do local de destino, adentrar e de que forma, isto é, ingressar no mercado de trabalho, participar da vida cultural, inserir-se na esfera social, via conhecimento superficial e instrumental ou via um envolvimento orgânico. Em outras palavras, as escolhas dos migrantes permitem uma assimilação segmentada em que os migrantes permanecem num limiar entre uma integração estrutural ao local de destino e o engajamento nas conexões e relações familiares/sociais e comprometimento com os referenciais socioculturais e socioespaciais do local de origem (WESSENDORF, 2007; COLOMBO, LEONINI, REBUGHINI, 2009; NAGEL, 2009). Nesse sentido, é indispensável dizer que esta assimilação não é um desdobramento exclusivamente das vontades dos migrantes, pelo contrário, elas são o reflexo de um balanço entre as predisposições dos locais em aceitarem e acolherem os migrantes e a inclinação dos migrantes em inserir-se no lugar de destino.

Diante deste balanço, quais os desafios para a consolidação de uma auto-identidade coerente?

Para Giddens (1991), a segurança ontológica esta atrelada ao sentimento de continuidade do ser, que é possibilitado pela preservação e manutenção dos hábitos e rotinas. Ambos se configuram como meios do sentimento de continuidade da auto-identidade (Eu) e são “objetos” de negociação dos migrantes. Que quer dizer? A continuidade do Eu está intrinsecamente ligada à possibilidade do migrante negociar no lugar alheio a

preservação de sua forma de ser. Tal negociação envolve tecer e consolidar uma complexa interconectividade origem-destino, via nexos diversos, abrangendo diferentes campos da vida de modo que os migrantes possam manter-se vinculados aos seus lugares.

Buttimer (1980, p.167) afirma que os lugares “are part of the fabric of everyday life and its taken-for-garanted routines”. Os lugares são a base espaço-existencial dos sujeitos, eles suportam e influenciam a formação, a preservação e a continuidade do Eu. Posto isso, podemos pensar como os lugares permite aos migrantes lidar com suas questões existenciais, enfrentar as contradições sem negar-se ou “trair a si mesmo”.

Dispomo-nos a fazê-lo a partir da premissa de que existem duas “categorias” (não isoladas, ou circunscritas) de lugares. Existe aquela dos lugares genéricos, inseridos num circuito cosmopolita global. Estes se caracterizam pelo seu descolamento dos contextos sociais. Muitos migrantes trafegam quase que exclusivamente por estes lugares (outros os utilizam parcialmente), mantendo com eles um envolvimento sistemático. Existe aquela dos lugares apropriados efetivamente pelos migrantes. Com estes os migrantes tem um envolvimento mais orgânico. Contudo, embora as “categorias” sejam distintas, ambas convêm à busca do migrante pela continuidade do Eu.

1.2 *O lugar: a base de negociação do ser-estar no mundo do migrante*

“The intrusion of an unexpected space into the body suggests that the experience of a new home involves a partial shedding of the skin, a process which is uncomfortable and well described as the irritation of an itch”

(Ahmed, 1999, p.342)

No momento da chegada no local de destino o migrante se defronta com um mundo de objetos, pessoas e sensações que até então lhe era desconhecido (ainda que não totalmente). O migrante chega como alguém que pode olhar, mas não ver, incapaz de reconhecer, a princípio, a linguagem com que se defronta. O migrante é, então, tomado por um misto de sensações, talvez divergentes, mas de algum modo interligadas e complementares: a sensação de

surpresa e prazer com os diferentes cheiros, sons, cores, luzes do novo lugar e a sensação de pesar por estar longe de sua terra natal, distante de seu mundo de coisas e pessoas.

Esse embate permeia a condição existencial do migrante, que passa a negociar diariamente seu pertencimento, numa condição de tensão entre o “aqui”, o estar aqui e o “lá”, ter deixado lá (BAGNOLI, 2007), que solicita que ele equilibre as preponderâncias, exigências da terra natal e do novo lugar (GOETTERT, 2009). O que desafia os migrantes lidar com uma condição de ausência-presente e uma presença-ausente. Em outras palavras, uma situação em que mesmo ele não estando presente de corpo no local de origem, ele está presente por meio de suas ações e influências sobre a vida de seus familiares e amigos. Ao mesmo tempo ele pode, ainda que esteja presente corporeamente no local de destino, não se integrar, mantendo suas ações e expectativas voltadas para sua terra natal. Entretanto não se trata de extremos, isto é, total transformação do ser ou de uma monótona uniformidade do ser. Existem diferentes graus de receptividade a incorporação dos *modus operandi* do lugar de destino, que oscila entre uma maior porosidade e abertura a uma tendência ao fechamento e repulsa do ser do migrante.

Essa flutuação na receptividade do migrante é administrada num limiar entre o estranhamento provocado pelo sentimento de deslocamento do seu lugar e o enraizamento possibilitado pela sintonização entre o Eu e o lugar. Esse limiar tem um fundamento ontológico: a imersão inescapável e irrevogável do Eu nos seus lugares, que impede o desvencilhamento para a manutenção da integridade de ambos. É uma necessidade intrínseca ao migrante a constituição de seus lugares para a realização de sua existência.

Essa necessidade envolve uma significação dos lugares. Esta que solicita a constituição dos lugares em conformidade aos princípios estéticos e espaciais (permeadas pelas concepções socioculturais) dos migrantes. Isto é alcançado no envolvimento com o lugar (*place attachment*) que se constitui pela significação dos vínculos afetivos que ligam os sujeitos aos lugares, os quais emergem da experiência construtora do sentido do lugar (SCANNELL; GIFFORD, 2010; MORGAN, 2010).

Envolvemos-nos com o lugar constituindo-o, estabelecendo uma interação dinâmica com este. Merleau-Ponty (2006) fala da interação do sujeito com seu mundo circundante vivido. Segundo ele o sujeito descobre, experencia, vivencia e se apropria do mundo, interiorizando-o como parte constituinte da sua existência, ao mesmo tempo em que deixa marcas, impressões de suas volições e intenções.

Lewicka (2010), discutindo o envolvimento com o lugar, coloca que este contribui duplamente para a formação, manutenção e preservação da identidade do sujeito, ao mesmo tempo em que permite ao sujeito desenvolver a sensação de estabilidade e de continuidade do Eu (*Self-continuity*). Outros autores, que também discutem o envolvimento com o lugar, exploram essa ideia abarcando a afetividade dos sujeitos para com seus lugares, através dos atos de apropriação, personalização dos lugares. Como por exemplo, Belk (1992) coloca a importância da presença de nossos objetos pessoais nos lugares como uma forma de expressão do Eu e como mediações para regate da memória, do nosso passado. O Eu desta maneira se espraia e amplia em seus lugares, ele está presente e é capaz de se reconhecer em cada traço ou presença do lugar, estar neste lugar é estar em relação, existindo com este aí. O que garante ao ser a sensação de bem-estar e pertencimento, bem como, a possibilidade de dar continuidade a narrativa existencial (fundamentos do sentimento de segurança ontológica).

Magdalena Nowicka traz uma discussão sobre como os indivíduos em situação de alta mobilidade reconstituem suas casas, por meio de seus objetos pessoais. Em diversos relatos os migrantes apontam que um dos fatores essenciais para que eles se sintam novamente em casa, é poder terem perto de si estes objetos, como em um dos relatos dos migrantes: “We couldn’t bring our things which would make it roomy and homey for us, and our personal things like clothes and books and kids’ toys. So ... it didn’t make it feel homey” (NOWICKA, 2007, p. 78).

A inclinação dos migrantes em engendrar a personalização dos seus lugares, brota da necessidade do ser migrante situar-se. Para tanto se torna indispensável a distinção do lugar, por meio de sua singularização. O migrante

quando no lugar de destino, se porta como um novo elemento do processo estruturador-constituente deste. Em vista disto, ele influi na lógica interna do sistema do lugar modificando-a em diferentes níveis nos diferentes lugares. Em outras palavras o migrante é capaz de personalizar aqueles com que tem contato mais imediato e que são passíveis de serem apropriados, por exemplo, suas casas e eventuais comércios e serviços voltados a atender a comunidade migrante. No entanto o migrante, na maioria dos lugares, tem uma capacidade limitada ou nula de exercer influência, como o local de trabalho, estações de metrô, serviços públicos. Isto porque, personalizar os lugares perpassa influir nas normas, valores, convenções e os códigos de conduta que lhe deram origem. Bem como, instituir um arranjo diverso para a rotina dos movimentos diários, que organizam o dia das pessoas.

Sinatti (2006; 2008) realizou estudos sobre senegaleses que migraram para Zingonia, um pólo industrial da Itália. A autora discute a migração dos senegaleses, do ponto de vista do transnacionalismo, ela reconhece a relevância que as práticas transnacionais têm em possibilitar uma presença e transformações não apenas com o lugar de origem, mas também nos lugares de destino. Ela coloca como a cidade de origem (Dakar), no Senegal, tem se modificado com os investimentos e trânsito contínuo de migrantes. Ao mesmo tempo a autora fala como a concentração de migrantes na cidade italiana tem lhe atribuído feições distintivas da presença de senegaleses, sendo a cidade conhecida como “a pequena Senegal”. Sinatti relata que é possível ver nas ruas um mundo criado pelos senegaleses, com a presença desde cabelereiros, mercearias e associações laicas até associações como a *Daara* Murid, uma associação religiosa islâmica. Segundo os migrantes, Zingonia oferece tudo de que eles precisam. A cidade se torna uma extensão de sua terra natal. Como em um dos relatos de um senegalês:

‘In Zingonia, one finds information, information on the Senegalese world, or one may come here to shake off a bit of nostalgia with his countrymen, in a Senegalese environment where one can chat [and] drink an attaya [Senegalese tea] with friends. One comes here to find out about the latest Senegalese novelties: cassettes, videos and many other things. Or else one comes here for religious reasons: to go to the Daara, pray and listen to religious chants. Or again one comes here to use services: phone centres, money transfer, to buy

tropical products, food [...] Zingonia is a centre and it is good for [the] resources it offers' (SINATTI, 2006, p.39).

Todo esse movimento de transformação e personalização realizado pelos migrantes se desdobra de uma conciliação entre: (1) conservar sua afiliação com os lugares de sua terra natal e (2) o envolvimento com o novo lugar, como coloca Nagel e Staeheli (2008, p. 458), "they [os migrantes] also share attachment to 'here' that are borne of reality of everyday life". Em vista disto, a constituição dos lugares pelos migrantes não se trata de uma replica. Pelo contrário, a transformação ocorre conjugando o novo e o familiar (sem que isso signifique necessariamente uma hibridização) (KIVISTO, 2001; EHRKAMP, 2005).

Esta conciliação coloca algumas questões ao migrante. Como lidar com uma confluência de elementos de origens históricas e geográficas diferentes? Quais as implicações de nos aventuramos noutra lugar?

Podemos apontar pelo menos duas. Primeiro, é inevitável superação da repetição das formas de ser-no-espço e ser-do-espço (GOMES, 2002). Os migrantes diante da presença inalienável de uma expressão espacial fruto de uma relação sujeito-lugar alheia não podem reproduzir seus lugares. Segundo, ocorre aquilo que Nelson e Hiemstro (2008) chamam de fragmentação da geografia cotidiana. A natureza da relação que origina os lugares dos migrantes é desconhecida pelos locais e vice versa, o que torna dos lugares preferenciais dos migrantes e dos locais distintos.

O sentido da natureza da relação sujeito-lugar só pode ser compreendido com a proximidade: é algo que se vivencia, incorpora, internaliza. Este sentido emerge e perpetua por meio da experiência diária dos lugares. Alcançá-lo depende, segundo Buttimer (1980) da apreensão e familiarização da corrente de pensamento alheia, isto é, a forma como o mundo é significado e como se estabelece os fundamentos orgânicos, cognitivos, afetivos e simbólicos do envolvimento com os lugares. A estranheza que os diferentes ritmos fisiológicos, emocionais, psíquicos, temporais, espaciais que se estabelecem nos lugares dos migrantes, causa aos "locais", intersecta a convivialidade entre eles.

Para elucidar esta estranheza, podemos recorrer ao termo cunhado por Seamon (1980), *balé-do-lugar* que se trata de uma fusão de diversas rotinas espaço-temporais em um dado lugar. Em outras palavras, é a fusão de comportamentos corporais habituais exercidos na realização das atividades diárias. O migrante traça um *balé-do-lugar* diferente do dos “locais”. Tal distinção se desdobra em um distanciamento (sem que haja, entretanto, uma desconexão) da geografia dos migrantes e a dos locais. Como, por exemplo, na cidade de Holambra, no Estado de São Paulo. A cidade se divide em duas porções com sua própria estruturação e organização: a forma dos holandeses e seus descendentes e a forma dos novos migrantes. A cidade nasceu como um núcleo de colonização de migrantes holandeses. Estes que chegam no pós guerra, em função de comprar um grande lote de terra (Fazenda Ribeirão) e iniciam suas atividades, dando vida a um colônia agrícola. Contudo, com o passar dos anos, o crescimento da cidade atrai novos migrantes. Estes, porém, não são holandeses. Possuem outros hábitos e conduzem suas atividades diárias a sua própria maneira. Como resultado, podemos ver uma cidade que comporta dois *balé-do-lugar*. O que não circunscrevem os dois grupos, mas fragmenta as geografias cotidianas. A questão é que eles se mantêm prioritariamente em seus lugares preferenciais (DAL GALLO, 2010).

Alguns migrantes, contudo, renunciam envolverem-se, não se comprometendo com a transformação dos lugares, optando por trafegar por lugares cuja receptividade é quase universal, isto é, os lugares genéricos, como Lévy (2001) os chama. Estes lugares possuem feições quase idênticas em numerosas localidades. Bauman (2001), nesta mesma linha, argumenta que existem lugares que tendem a manterem-se neutros, destituídos de impressões e expressões identitárias e relacionais. São lugares esvaziados das subjetividades. A ampla receptividade desses lugares (que os tornam genéricos) deriva de um cancelamento das diferenças (tornadas invisíveis ou apagadas). As pessoas os vivenciam sem, contudo, se apropriar deles. São exemplos deles: os shoppings, aeroportos, estações de trem, lojas de departamento, hipermercados, filiais de empresas multinacionais, etc.

São esses lugares de todo mundo e ao mesmo tempo de ninguém. Eles aceitam a presença de uma diversidade de pessoas, justamente porque não é estranho a nenhuma delas, visto que não tem traços distintos correspondentes a relação identitária, cultural longamente estabelecida. Segundo Bauman (2001), os sujeitos têm uma presença meramente física e temporária neles. Essa ausência de uma dinâmica singular de funcionamento, permite que se instaure uma lógica abrangente e uniforme de funcionamento: uma estrutura e organização fáceis de apreender e alguns preceitos e normas de condutas simples de reproduzir. Essa uniformidade dá um caráter homogêneo aos lugares genéricos, o que possibilita a transposição de suas rotinas entre diferentes localidades. É possível transitar por eles sem que seja necessário um esforço de conhecer e codificar.

Os sujeitos que transitam por esses lugares os conectam (atenuam a distância entre eles) ao ignorar (ou por serem permitidos a ignorar) as diferenças entre eles. A certeza dos sujeitos sobre a presença de lugares que eles de alguma forma já conhecem, por terem o experienciado (previamente) transmite um sentimento de segurança. A pressuposta familiaridade com o novo lugar permite que os sujeitos se sintam em “casa” em qualquer localidade, por mais distante que ela seja. Como Nowicka (2007) discute, mesmo após o deslocamento a vida diária não se altera, existe uma infraestrutura que circunda os sujeitos de elementos familiares que suportam o modo de vida adotado por eles. Nesta mesma linha, Marandola Jr (2008c) discute como os migrantes em áreas metropolitanas optam por instalarem-se em condomínios fechados e realizarem suas atividades diárias em lugares do circuito metropolitano-globalizado. Esses migrantes sem conhecimento da cidade para a qual migraram e desprovidos de suas redes de amizade e familiares, recorrem a esses lugares como uma alternativa para obterem sua segurança (existencial). Contudo estabelecem laços que não ultrapassam a funcionalidade e necessidade. Esses migrantes, segundo o autor, mantêm uma postura de envolvimento-sem-envolver-se, uma atitude de “eu não sou ‘daqui’”.

Mas, o que garante a previsibilidade desses lugares? Duas características do nosso tempo da modernidade: os mecanismos de desencaixe e

a impessoalidade. Ambas as características em conjunção permitem o descolamento dos lugares de seu contexto socioespacial e sociocultural.

Esses mecanismos de desencaixe são dois: os sistemas peritos e as fichas simbólicas. O primeiro é o que nos interessa aqui. Ambos têm como propósito, como afirma Giddens (1991, p. 28), “abrir múltiplas possibilidades de mudança liberando da restrição dos hábitos e das praticas locais”, permitindo o deslocamento de muitos aspectos de nossa vida diária dos contextos locais de interação. Os sistemas peritos consistem em sistemas de excelência técnica responsáveis pela gerencia de atividades e operações que permitem (direta ou indiretamente) a realização de muitas atividades corriqueiras (luz, água, telefone, bancos, sistema de transporte). Estas que não podem ser controladas em sua integridade pelos sujeitos. Diante da inviabilidade do controle de todas as operações, mecanismos e processos que estruturam nosso mundo, torna-se necessário que se desenvolva a confiança nesses sistemas peritos, responsáveis pelo comando de muitos aspectos de nossa vida.

O conhecimento perito, profissional não deriva sua competência (necessariamente) de vínculos com os contextos sociais diversos que permeiam, visto que se embasa na excelência técnica. Isto implica numa liberdade de atuação (mas não total autonomia). Tal descompromisso permite a adoção de atos análogos em localidades diversas. Esses sistemas em grande medida pré-selecionam linhas de ação de muitas de nossas atividades diárias. Posto isso, transitar nos lugares genéricos, de caráter desencaixado, é ingressar num mundo, como afirma Bauman (1998), pré-fabricado. Em outras palavras, é estar numa bolha osmótica que tenta neutralizar influências não planejadas.

Os responsáveis pelo funcionamento desses sistemas são os peritos com os quais nos, os leigos, não estabelecemos contato direto. Neles depositamos nossa confiança e damos credibilidade a partir de um compromisso sem rosto, como o chama Giddens (1991). Essa impessoalidade, uma das características mais marcantes da modernidade. Ela dispensou o estabelecimento de relações pessoais para o desenvolvimento das atividades diárias.

O grau de independência dos sujeitos para utilização de lugares genéricos se amplia com a universalização da legibilidade da organização e

funcionamento (espacial) desses lugares. A difícil tarefa de interagir com estranhos, é eliminada, ou em grande medida amenizada, na aprendizagem das linhas de ação pré-selecionadas.

Ley (1999; 2004) traz uma discussão sobre aquilo que ele chama de o mito da migração das classes superiores. Esta seria, segundo ele, uma elite de trabalhadores que tem transitado pelo mundo, por conta de um recrutamento das empresas de seus serviços. Para ele, essa elite tem se movido entre e ocupado lugares indiferenciados, os quais se proliferam nas cidades transnacionais. Isto tem circunscrito o mundo vivido desses migrantes a uma rede internacional de bares, restaurante e empresas, tornando-o altamente localizado e restrito a alguns lugares. Contudo embora essa elite acredite estar amparada por aquilo que Ley denomina de um globalismo estético e cultural, ela sofre de um senso profundo de vulnerabilidade individual e familiar, o que rompe o mito da inatingível segurança promovida pelos lugares genéricos, a que a elite transnacional se apega.

Desta forma, podemos apontar, pelo menos duas constituições bastante distintas, mas não excludentes de lugar que permitem a inserção do migrante no destino: (1) um envolvimento orgânico que deriva da necessidade e inclinação a constituição de seus lugares, em que o migrante busca envolver-se ao lugar e (2) um envolvimento sistemático com o lugar: o migrante busca atenuar o distanciamento recorrendo a lugares “previamente conhecidos” que os cerque de elementos familiares (normatizados, uniformizados). Contudo esta nem sempre é uma opção que lhe oferece a segurança que procura.

Ambos os envolvimento (em diferentes medidas) são uma estratégias de buscar por segurança, conforto, resguardo da narrativa existencial. A questão aqui é um envolvimento que caminhe para a manutenção de uma sensação de continuidade do Eu, a qual se ampara na preservação dos hábitos e rotinas espaço-temporais.

Contudo, o envolvimento ainda que promova a sensação de estabilidade, ele não o faz engessando-se, tornado-se estático. O envolvimento com o lugar trata-se antes de uma relação que se opera por meio da experiência contínua. Em outras palavras o lugar constitui-se enquanto uma construtividade

que se realizada a cada instante, num reajuste e refino entre as nuances e dinâmica do Eu e do lugar. O migrante continuamente negocia a integridade do seu Eu na soleira da temporalidade dos lugares e inconstância do ser. Num mundo em se convive com uma rápida obsolescência das coisas e o projeto do Eu tem um caráter reflexivo, o migrante lida com a eventualidade e transitoriedade do lugar.

2

EVENTUALIDADE E TRANSITORIEDADE NAS ESPACIALIDADES MIGRANTES

Para Relph (1976), os lugares, pessoas, ações e o tempo formam uma unidade indivisível, cuja continuidade deriva de um movimento conjunto de seus integrantes. Mudanças em qualquer um desses componentes promovem uma reação de mudança nos demais, a fim de manterem sua sintonia. O lugar e o ser estão continuamente se constituindo mediante a transformação conjunta ser-lugar ao longo do tempo. Os lugares são sensíveis às emoções, memória, imaginação e intenções dos sujeitos (que são altamente cambiáveis), na mesma medida em que o ser é sensível às inconstâncias (presenciais, sensoriais) dos lugares. Tal sensibilidade faz com que sujeito e lugar sempre estejam emergindo e vindo a ser (RELPH, 1976).

Essa emergência contínua se desdobra naquilo que Massey (2009) denomina de eventualidade do lugar. Este segundo a autora se constitui enquanto uma relação de uma constelação de processos que reúnem constantemente e dinamicamente aquilo que previamente não estava relacionado. Que quer dizer? O lugar existe enquanto circunstância, enquanto uma eterna negociação entre as presenças (humanas e não-humanas). É a negociação de um “aqui” “agora”, a partir de um imbricado de histórias com diferente tempos, ritmos e trajetórias. O lugar está sempre num movimento interno. Tudo aquilo que se afirma, ou vem se afirmar, como estrutura-constituente do lugar está em mutação, porque está sujeito ao tempo e é agente do tempo. O lugar é essencialmente móvel e temporal.

Como no exemplo de Doreen Massey, sobre Lake District (uma reserva natural na Inglaterra), tudo que constitui esse lugar, as montanhas, o lago, os animais, as pessoas, as construções, o clima estão mudando. As

montanhas estão sendo longamente moldados pelo tempo. O lago tem propriedades flutuantes (temperatura, volume, acidez). Os animais estão atravessando seu ciclo de vida. As construções estão envelhecendo caminhando a dissolução. As pessoas têm seus humores, suas vontades, seu tempo de vida, elas vem e se vão. O Lake District existe como uma imbricação, um encontro contínuo dos caminhos trilhados até então, por esses diversos elementos que estão ao mesmo tempo em que são este lugar.

A eventualidade do lugar permite pensar como este pode, diante de novas presenças, mais especificamente da presença dos migrantes, serem em alguma medida receptivos “ao que eles fazem” e “ao que eles são”. É nesta abertura do lugar que o migrante pode negociar sua presença no lugar de destino. Para que eles possam ser (continuarem a ser), é necessário poderem ser em algum lugar. Portanto, os migrantes negociam um “aqui” “agora”, e o fazem no encontro de seus caminhos com o emaranhado de caminhos das presenças constituintes dos lugares até então. Eles negociam sua integridade, a manutenção da sua unidade, suas concepções estéticas e espaciais na eventualidade do lugar.

2.1 O lugar migrante: relação, experiência e eventualidade

“A Londres que você deixou para trás há apenas meia hora (enquanto você passa, velozmente, através de Cheddington) não é a Londres de agora. Já se alterou. Vidas foram impulsionadas para frente, investimentos e desinvestimentos foram feitos na City, começou a chover muito fortemente (disseram que iria), uma reunião decisiva foi interrompida causticamente, alguém apenhou um peixe no canal Grand Union.”
(MASSEY, 2009, p.175)

“As our lives would themselves seem to be inseparably and intricately bound to the place and space in which we find ourselves, so the fragility of those places is indicative of a corresponding fragility in our own lives and identity”
(MALPAS, 1999, p. 190)

Ambos os trechos fazem referência a aspectos importantes da natureza do lugar: a **temporalidade** e **processualidade** (que derivam da relação ser-lugar). Ambos os aspectos estão intrinsecamente relacionados e são

interdependentes, retroalimentam-se. O tempo mantém ativa a dinâmica das relações. Simultaneamente as inconstâncias das relações conferem ao lugar uma natureza de contínuo devir.

Estes aspectos do lugar nos remetem a discussão de Jeff Malpas sobre aquilo que ele chama de situacionalidade. Segundo o autor situar-se é um co-existir inevitável com o mundo. O ser pertence a uma relação recíproca de inter-constituição, em que as pessoas, coisas e o Eu vêm a luz como elas mesmas e se estabelece uma conexidade. Em vista disto, o ser está imerso no lugar e depende dele para existir tal como é, “to exist, to be ‘in the world’, is to have a concrete ‘there’” (MALPAS, 2008, p.47). Ser é estar num lugar, é agir num lugar e é envolver-se com o lugar. Encontramo-nos no mundo envolvidos com as coisas, as pessoas – suas vidas, nossas vidas.

Nesta mesma linha, Massey (2009) desenvolve uma argumentação sobre o lugar. Para a autora o lugar é uma construção em aberto. Este oferece a possibilidade da surpresa, dos resultados imprevistos e dos potenciais acasos. O lugar permanece aberto à possibilidades de escolha e formas de existência. Esta abertura é um desdobramento de um estar sempre em processo, sendo o lugar uma sucessão (não justaposta) de “aqui” “agora”.

Estar num novo lugar, significa situar-se tecendo um sentimento coerente de estar no mundo “aqui” “agora”. Em outras palavras, é um constante e permanente encontro entre narrativas indissociavelmente ligadas. Massey (2009, p. 176) afirma que “chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de histórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito”. Situar-se no “aqui” “agora” insere o migrante em um tecer de histórias não acabadas. Que quer dizer? Apesar de interagirem as histórias que constituem o lugar não compõe uma sincronia fechada, não há um “agora” com tal coerência. Cada história pode adotar novas trajetórias, diferentes das que seguiu até então. O “aqui” “agora” se caracteriza por uma forte dinamicidade. Cada momento é um momento em que o sujeito reavalia sua trajetória, toma consciência do presente (sua situação) e questiona-se sobre a continuidade de sua narrativa existencial.

Como Malpas (1999) afirma o lugar não se cristaliza e preserva como um âmbar, pelo contrário, o lugar é pulsante, mais como um organismo que um corpo mineralizado. Prigogine (1996) traça uma comparação muito próxima a esta ideia de Malpas. Comparando um cristal e uma cidade, ele diz que o cristal é uma estrutura em equilíbrio que pode ser conservada no vácuo. A cidade também tem uma estrutura bem definida, contudo, esta sua estrutura resulta das interações com o ambiente. Se uma cidade fosse isolada, estivesse no vácuo, ela morreria. Esta analogia nos faz pensar no caráter processual e relacional dos lugares. O que nos leva a refletir como este caráter permite uma abertura para negociação por parte do migrante para a manutenção de seu ser, isto é, de sua narrativa existencial. Como sua narrativa pode continuar sendo traçada em interação com o feixe de histórias até então do lugar.

Sutama Ghosh e Lu Wang (2003) em um estudo autobiográfico relatam suas experiências migratórias, no intuito de entender sua própria situação como migrante. Elas partem do questionamento: seriam elas migrantes transnacionais? As migrantes, então, relatam como cada uma inseriu-se na cidade de Toronto, no Canadá. Elas revelam como negociaram sua presença no país e como se situaram se interconectando a feixes distintos de narrativas. Lu Wang é nascida na China e Sutama é nascida na Índia. Ambas migram para Toronto por motivos de estudo, e têm percepções parecidas com relação ao momento de chegada, com o choque entre sua concepção de mundo e a dos canadenses. Contudo, existe uma diferença em sua experiência em Toronto. Não só porque suas personalidades são distintas, mas porque Lu Wang pôde conectar-se a um feixe de trajetórias e histórias (denso) que de alguma forma tem proximidade com a sua. Toronto recebeu vários migrantes chineses que ao longo dos anos construíram sua Chinatown. Esta, como um reduto da cultura chinesa, insere Lu Wang a um feixe de trajetórias que lhe dá possibilidades de negociação de seu modo de ser. Os hábitos, costumes, a língua chinesa permanecem sempre muito presentes para Lu Wang. Já Sutama não conta com um fluxo migratório prévio denso o suficiente de pessoas nascidas em Kolkata, (sua cidade), para existir uma “Chinatown” deles. Mas isto não a impediu de inserir-se, de alguma forma, em Toronto. Ela se envolve com a cidade ao

conectar-se às trajetórias, em alguma medida, diversas e próximas da sua. Sutana interage com estudantes indianos, indos-canadenses e de outras nacionalidades, que como ela são migrantes em busca de adaptar-se a cidade.

Ambas negociam sua inserção em Toronto, ao unir suas trajetórias a aquelas pré-existentes que constituem a cidade e mesmo as novas trajetórias de outros estudantes, de outras nacionalidades que chegaram a Toronto como elas. Podemos dizer que elas relacionam-se com Toronto negociando sua possibilidade de estadia, de seu ser-e-estar-no-mundo experienciando a eventualidade do lugar. Sutana e Lu Wang conhecem e se aproximam de Toronto por meio da experiência. Esta as coloca em contínua interação com a cidade, permitindo que progressivamente se estabeleça algum grau de conexão entre as migrantes e Toronto.

Casey (2001) afirma que nosso corpo é um intermédio entre o Eu e o mundo. É por meio dele (órgãos sensitivos) que experienciamos e nos relacionamos com o mundo. Num duplo movimento o sujeito vai ao encontro do mundo, aquilo que Casey denomina de “saindo” (*outgoing*). Este estende uma multiplicidade de fios conectores, que envolvem funções psíquicas e corporais, a fim de apreender o lugar. Simultaneamente o mundo se internaliza, enraizando-se no Eu. Movimento denominado, por Casey de “entrando” (*incoming*). O lugar marca sua presença no corpo, reside neste através de nosso caráter. Esse duplo movimento é infundável.

Nesse sentido, é experienciando a mutabilidade das histórias do e no lugar que as migrantes Sutana e Lu Wang passam a corroborar para existência do “aqui” “agora”, para situacionalidade do lugar, e então podem situar-se, dar sentido ao lugar no movimento constitutivo do “aqui” “agora”.

O sentido do lugar (*sense of place*), como denomina Relph (1976), deriva de uma necessidade ontológica: a continuidade da identidade, que está atrelada à ligação intrínseca entre lugar e o ser. O sentido do lugar embora esteja enraizado na configuração espacial, nas atividades e nos significados, ele não é uma propriedade deles (não é redutível a eles), ele é antes uma propriedade das intenções e experiências humanas (RELPH, 1976).

A constituição do sentido do lugar ocorre de uma maneira processual. Como afirma Malpas (2008) esta é sempre uma tarefa inacabada, não podendo ser encontrada ou alcançada em nenhum momento do processo construtivo. O sentido do lugar é, então, uma construção vivenciada. Ele brota da unidade que é encontrada a partir da experiência de existir conjuntamente, de conhecer e ser conhecido (MALPAS, 2008). O sentido do lugar só emerge, se nos envolvemos com ele, se o exploramos via experiência e o tornamos parte do desenvolvimento de nosso próprio ser. Em outras palavras, o ser requer os lugares para ser ele mesmo o mesmo. Ser e lugar existem num processo de co-constituição que se opera em um ciclo de construção-reconstrução: o ciclo lugar/Eu (*place/self cycle*) (CASEY, 2001).

Posto isto, os migrantes ao construírem o sentido dos seus lugares negociam sua existência dia-a-dia. A contínua experiência dos migrantes das mudanças e inconstâncias dos lugares permite um resguardo de sua unidade com estes. Como Relph (1976, p.33) afirma “time is usually a part of our experiences of place, for these experiences must be bound up with flux or continuity”. A experiência dos lugares propicia um engajamento ativo na constituição destes. A busca do migrante por situar-se se desdobra em um processo de autodefinição.

O migrante, como Massey (2009) afirma, move-se por entre coleções de trajetórias e insere-se e reinsere-se naquelas com as quais se relaciona, mantendo coesões temporárias e articulações provisórias com os lugares. A unidade do lugar é sempre um processo de fazer-se, um devir, pois se trata de uma unidade a ser constituída por um encontro, ou uma junção de estórias que fazem o “aqui” “agora”. A unidade do lugar é continuamente retrabalhada no envolvimento ativo do sujeito com os lugares, que reunifica o ser-sido, o por-vir e o presente (DUBOIS, 2004). O sujeito vive (experiência) a temporalidade do lugar autodefinindo-se junto à ela: “The things can be the things that they are, within they can stand in relation to other things, within which we find ourselves” (MALPAS, 2008, p.65).

Como entender, então, esta unidade migrante-lugar em curso pela migração?

2.2 *O movimento na espacialidade migrante: aproximações com a espacialidade Ma e o circuito das seqüências*

“Por pequeno que fosse o fragmento considerado, um exame microscópico bastava para ler nele uma multiplicidade de acontecimentos: sempre os bordados, jamais o pano”
(Bachelard, 2007, p.37)

A espacialidade migrante é permeada pela provisoriedade e transitoriedade dos migrantes. O ser migrante, em sua condição de “estar entre” se insere em múltiplos e contínuos processos elaboradores de sua espacialidade.

Podemos pensar a espacialidade migrante como um instante de concretização das possibilidades. Uma construtibilidade que sempre se atualiza, que é sempre passageira, ou como diria Bachelard (2007), um instante que se presentifica. Em outras palavras, é uma construtibilidade que se elabora de maneira adaptativa, ao absorver a aderência de novos elementos até então externos.

Como entender a unidade movente ser-lugar constituinte da espacialidade migrante? Pensamos em responder tal questão em aproximação com a espacialidade Ma e o circuito das seqüências.

A espacialidade Ma se alicerça numa visão de mundo germinada pela filosofia oriental (em especial a budista): unicidade das diferentes formas de existência que se configura como um devir (OKANO, 2007a). Os orientais têm a brevidade e incompletude como aspectos preciosos e intransponíveis do mundo. O Ma consiste em algo movente, um estado de coisas, uma existência que se permite permear e preencher pelos estados emanados pelas presenças (de objetos e pessoas). Como Nitschke (1966) afirma, é inerente ao Ma um fluxo contínuo entre ser e não-ser, de tornar-se e desaparecer.

Talvez, o Ma possa ser entendido da seguinte maneira: imaginemos um pintura tradicional japonesa, em que os contornos e formas são apresentados em simples traços de tinta negra. Neles uma montanha nunca é pintada em verde ou marrom, pois desta forma ela nunca poderá ser de outra cor, além do verde ou marrom, contudo, uma montanha delineada em alguns traços negros pode ganhar qualquer cor. Esses traços negros, ainda que negros, trazem consigo a infinidade de cores que podem adotar, na medida em que eles

sugerem, não afirma ou delimitam. Os traços nos chama para conceber a montanha.

Posto isto, a espacialidade dos migrantes: constructo que se origina de um entrelaçamento de estórias-até-agora, pode ser entendida como um desdobramento da ressonância entre as presenças, humanas e não-humanas, materiais e imateriais. A diversidade de associações e interações que podem se estabelecer entre essas presenças desemboca numa situacionalidade. Esta que pode ser entendida em analogia com a liberdade do Ma em atualizar variadas conexões, tal qual lhe permite se realizar em múltiplas concretizações (OKANO, 2007a).

Os lugares dos migrantes como pontos nodais, pontos referenciais do fluxo migratório, recebem constantemente um afluxo de informações, pessoas, objetos. As presenças que constituem esses lugares se alteram incessantemente engendrando novos instantes, ou os “aqui” “agora”. Diante desse afluxo, para manter sua estrutura minimamente em equilíbrio, esses lugares se desintegram e se reintegram de forma que estes possam atualizar suas narrativas e manterem-se coerente. Em outras palavras, os “aqui” “agora” estão interligados de tal forma que geram um fluxo indivisível, isto é, um contínuo que se estabelece pela relação das presenças, tais quais se tornam em interação parte uma das outras.

O lugar dos migrantes, então, se configura numa totalidade, que não está fechada, estática, que se constitui via um ser-e-estar conjuntamente, ou como colocaria Rossetti (2004) a partir de Bergson, uma totalidade movente, um devir que dura modificando-se constantemente.

Nesse sentido, a espacialidade migrante está em pleno movimento. A totalidade das presenças flui de forma contínua permanecendo num movimento de renovação ininterrupta sempre buscando restaurar-se para manter-se como unidade, como um todo. Sempre em curso de se constituir, sempre incompleta, inacabada, esta espacialidade é um desdobramento da irrecusável temporalidade das coisas. Uma espacialidade que se constitui por múltiplas trajetórias em seus múltiplos movimentos e diversos ritmos, mas una

em sua indivisível continuidade. Seus constituintes estão integrados desde a origem, seus movimentos são essencialmente integrados e solidários.

O movimento é o fundamento desta espacialidade. As presenças que lhe constituem mudam em um único movimento indivisível, num único e contínuo devir, ou como Rossetti (2004) diz, em uma sucessão que não se trata de uma justaposição, mas sim de uma sucessão indistinta. Que quer dizer? As mudanças incessantes das presenças em interação impõem seu movimento a totalidade, dando ao conjunto um novo tom, um novo estado. Estes se sucedem em organização íntima: uma sucessão em que cada um anuncia aquele que o segue e contém o que o precedeu, há uma continuidade dinâmica dos estados envolvidos cada um do todo, dele não se distingue nem se isola.

Sack (1997) ao discutir a dinamicidade dos lugares coloca proposições bastante próximas a esta noção de que as presenças mudam num único movimento em interação. Para o autor, o lugar se configura como uma força que congrega os domínios da natureza, do sentido e das relações sociais. Cada qual comporta aquilo que ele denomina de “seqüência” (*loop*).

A natureza comporta a seqüência interação espacial (*spatial-interaction loop*), que se refere a como decorre o movimento através do espaço. Esta enfatiza como nossos atributos culturais e nós mesmos nos movemos e interagimos no e com o espaço. Esta seqüência segundo Sack está diretamente relacionada àquela comportada pelas relações sociais, isto é, a seqüência dentro/fora-do-lugar (*in/out-of-place loop*). Esta se configura como uma série de regras que balizam aquilo que um lugar inclui e não inclui, bem como, as ações e atividades que dado lugar abarca. Mudanças em qualquer uma dessas regras têm efeito direto sobre as interações espaciais, e vice versa, alterações na interação no e com o espaço solicita transformações nas regras.

Associada a essas duas seqüências, existe uma terceira, do domínio do sentido, isto é, a seqüência superfície/profundidade (*surface/depth loop*). Esta se refere à consciência da natureza e sentido do lugar. Ela se relaciona com as outras duas seqüências, na medida em que, são as interações espaciais e as regras dentro/fora-do-lugar que criam e organizam as coisas

em nosso mundo. É a esta organização que reconhecemos e atribuímos sentido. Quando ela se torna estranha, nos questionamos sobre o sentido do lugar, e é provável que argumentemos sobre sua mudança, de maneira que voltemos a compreender sua natureza, função, propósito. Isso mobiliza as outras seqüências, de forma a articulá-las para originar uma nova organização ou operar reajustes na já existente.

Para Sack (1997), essas três seqüências são parte do lugar, elas estão inter-relacionadas em um circuito de forma que as atividades em uma delas afeta todas as outras. Este circuito se configura como um dispositivo por meio do qual o lugar é capaz de não apenas entrelaçar elementos dos domínios, modificando-os, mas também modificar os domínios em si mesmos.

É suposto, por exemplo, que uma casa tenha um sentido e um propósito (descanso, aconchego, morar, segurança) e estes estão relacionados com aquilo que ela pode ou não abarcar (objetos pessoais, família, animais de estimação) e com as atividades que podem ser exercidas nela (morar, dormir, comer). Bem como, com a forma como nos relacionamos com ela (qual a importância e o significado de nossa casa). Contudo, embora tenham semelhanças essenciais, pois são, sobretudo, casas, elas diferem em termos de regras dentro/fora-do-lugar e interações espaciais. Existem diversas maneiras de se conceber uma casa, o que se desdobra numa multiplicidade de seqüências dentro/fora-do-lugar e interação espacial possíveis. A questão é qual conjunto delas irá suscitar a significação, a consciência do lugar nos sujeitos.

Em vista disso, o sentido de casa é passível de ser questionado. O sujeito pode propor concebê-la de outra maneira, isto é, quando ele deseja dotar o lugar de outro significado. Para tanto ele engendra um processo de modificação conjunta entre os elementos e domínios constituintes do lugar. O mesmo decorre quando a seqüência dentro/fora agrega novos elementos, ou conjunto de elementos ao lugar. Os lugares não estão isolados, eles permanecem em interatividade e recebem influências externas. Esta interatividade pode se desdobrar na junção de grupos de

elementos pertencentes aos diferentes lugares. Tal junção alteraria as regras dentro/fora-do-lugar e levaria a modificação das interações espaciais, por conseguinte, o sentido atribuído ao lugar. Estabelece-se, portanto, uma dinâmica em circuito, em que as seqüências se interpenetram.

Esta dinâmica, segundo Sack, é uma constante dos lugares. A capacidade dos lugares de manter os domínios da natureza, relações sociais e sentido unidos, existe em função desta abertura às modificações dos e reajustes entre os elementos de cada domínio. O lugar é a força que reúne (incluindo e excluindo elementos) e coloca em interação diferentes mesclas de elementos dos distintos domínios: “place as a form that organizes and controls interaction” (SACK, 1997, p.34). As mudanças nessas mesclas conferem aos lugares seu movimento e dinamicidade. São as interações entre os diferentes lugares que introduzem tais mudanças. Os fluxos espaciais fazem com que a mescla (congregação dos elementos dos domínios) esteja sempre em transformação.

É essencial dizer, contudo, que esta força do lugar, advêm, essencialmente, do papel do Eu como agente responsável pela composição dos elementos dos domínios, isto é, o Eu é a chave para as interconexões entre os elementos e domínios. É a sua volição e intenção que os reuni. O Eu desenha a mescla dos domínios formam, a cada tempo, uma unidade que fornece as balizas para os tempos subseqüentes, e resulta dos tempos anteriores.

Nesse sentido, podemos pensar o migrante como um agente de intermédio da interlocução entre os lugares. Em sua transitividade, de ser e estar ‘aqui’ e ao mesmo tempo querer continuar ‘lá’, em sua transitoriedade subjetiva de reconhecer pertencer também a outro lugar, processo de ligamento (também) ao ‘aqui’, que só se efetiva num ‘aqui’ transformado. Esta espacialidade se compõe do ‘aqui’ e do ‘lá’, é uma unidade cuja renovação é permeada pela relação entre lugares. A presença do migrante questiona os sentidos dos lugares em seu destino, ele em busca de significá-los mobiliza o circuito das seqüências dentro/fora-do-lugar, interação espacial e superfície/profundidade. Ele solicita uma nova organização dos

lugares, uma nova mescla dos elementos, que se reverbera em novas regras dentro/fora-do-lugar e formas de interação espacial.

O entrelaçamento entre os lugares é tecido pelo migrante. Em sua transitividade ele ramifica conexões que atam lugares geograficamente distantes permitindo a transcendência de fluxos espaciais que possibilitam a interação contínua entre eles. A presença dos migrantes no novo lugar permeia este com novas formas de ser e estar no mundo. Ao mesmo tempo, os migrantes compartilham em sua terra natal a visão de mundo apreendida no novo lugar. A totalidade do ‘aqui’, ‘desta’ espacialidade, ‘deste’ lugar se conjuga com a totalidade do ‘lá’, ‘daquela’ espacialidade, ‘daquele’ lugar, sem que isto, contudo, signifique uma sobreposição, antes, elas se prolongam umas nas outras, estão essencialmente integradas numa única unidade de movimento.

Houtum e Gielis (2006) fizeram um estudo sobre um movimento que, segundo eles, tem se tornado comum: migração elástica (*elastic migration*). Esta que se trata de um trânsito contínuo entre fronteiras. Podemos pensar nessa migração como uma migração transfronteiriça, mas que tem a singularidade de ser, ela ocorre em uma pendularidade entre nações. Segundo os autores a migração elástica tem ocorrido entre as bordas da Holanda e Alemanha, ou da Holanda e Bélgica. Os holandeses têm construído suas casas na Alemanha ou Bélgica, contudo, continuam exercendo suas atividades diárias na Holanda, isto é, o trabalho, lazer, as compras, visita aos familiares, a escola das crianças estão todos concentrados em seu país de origem.

A presença dos holandeses na Alemanha e Bélgica e o trânsito contínuo entre os países, tem tido um forte impacto nos locais próximos às bordas. Desde mudanças significativas em sua paisagem até questões de habitação e educação. Com a profusão de casas habitadas pelos holandeses a presença de bandeiras, símbolos que aludem à Holanda se tornam comuns na paisagem. O aumento da demanda por casas por parte dos migrantes tem causado uma escassez destas para os próprios alemães. Tem ocorrido uma superlotação das escolas na porção holandesa, pelo desejo dos pais de que seus filhos sigam o currículo das escolas holandesas, o que gera uma ociosidade de vagas nas escolas alemãs. Ambos os países tem buscado lidar com a nova

situação, com esses fluxos diários de migrantes pendulares, e com as modificações que eles têm causado. Um exemplo colocado pelos autores é um esforço das escolas em unificar os programas das escolas alemãs e holandesas de forma que as crianças holandesas freqüentemente escolhas na Alemanha e as vagas sejam balanceadas.

Podemos pensar a espacialidade dos migrantes se configura como uma espacialidade que se cria no encontro dos elementos que o tangencia e o cerca (OKANO, 2007b). Uma espacialidade de junção que se constitui atravessando e dissipando limites, agindo como uma existência intervalar (entre aquilo que lhe tangencia). Em outras palavras, uma espacialidade, como Pilgrim (1986) colocaria, que se caracteriza pelo dinamismo de estar entre, no meio de. Sua constituição se opera experiencialmente. A interconectividade (entre lugares) não vem, contudo, à consciência imediatamente, ela é antes, intuída, vivida, experienciada.

O ser está sempre em relação, imerso, numa ligação que não se dissipa. O envolvimento entre e com as coisas se dá de maneira tal que elas não podem ser pensadas, concebidas separadamente, as coisas já se encontram como uma unidade significativa (MALPAS, 2008). Esta imersão dá a sensação de pertencer a uma totalidade. Esta como a continuidade movente que é, confere um sentimento de unidade e duração. Esta continuidade não é pensada, mas sim vivida. O ser como existência essencialmente transitória está e coloca em movimento as outras existências, a fim de integrar o todo do movimento que se dá de uma só vez sem distinção de partes (ROSSETTI, 2004).

Perguntamo-nos sobre a identidade do migrante imerso nesta unidade essencialmente movente da espacialidade migrante. Podemos dizer que esta tem um caráter frágil e sólido ao mesmo tempo. Se pensarmos a partir da concepção de Giddens (2002), a fragilidade está na infinitude das possibilidades. Existem muitos outros caminhos que podem ser trilhados, alternativos ao traçado até então pela narrativa existencial. Já a solidez, para Giddens (2002), deriva da continuidade da narrativa do Eu que garante a preservação do senso de continuidade. Esta é alcançada pela vivência e experiência das transformações e da temporalidade da espacialidade.

Pensando nessas concepções de fragilidade e solidez, propomo-
no a refletir sobre a coerência narrativa do ser migrante. Em outras palavras,
como é justamente na diferença que o ser é capaz de se realizar sua unidade na
identidade. Dentre uma amplidão de caminhos, é a diferença que impede o ser de
dispersar-se e perder-se entre eles e poder ser ele mesmo sempre o mesmo
consigo mesmo. Entendemos que para tal reflexão o conceito cunhado por Eric
Dardel: geograficidade é essencial. É esta propriedade geográfica da unidade
homem-Terra, que é construída (tomando aqui o sentido de Heidegger (2001) de
construção) pelo habitar que entre a identidade e diferença o ser migrante
mantém sua coerência narrativa.

3

SER MIGRANTE: ENTRE IDENTIDADE E DIFERENÇA

“Então, de repente, aqueles prados verde-ervilha nos quais começavam a desabrochar as primeiras papoulas escarlate, aqueles campos amarelo-canário estriando as fulvas colinas que desciam para um mar cheio de cintilações turquesa, tudo me parecia tão insosso, tão banal, tão falso, tão em contraste com a pessoa e Ayl, com o mundo de Ayl, com a ideia de beleza de Ayl, que compreendi por que seu lugar jamais poderia ser aqui. E me dei conta com espanto e dor de que eu permanecera aqui, de que jamais poderia fugir àquelas cintilações douradas e argênteas, àquelas nuvenzinhas que de azul-celeste se tornavam rosadas, àquela verde folhagem que amarelavava a cada outono, e de que o mundo perfeito de Ayl estava perdido para sempre, tanto que já não podia sequer imaginá-lo, e nada mais restava que me pudesse recordá-lo ainda que de longe, nada a não ser aquele frio paredão de pedra cinza”

Sem cores

(Calvino, 1992, p.61 – grifo do autor)

Na crônica de Calvino, “Sem cores”, as personagens foram colocadas diante de uma situação decisiva com que tiveram que lidar: o surgimento do mundo das cores, um mundo que até então era cinza e indistinto, ganha os verdes das folhagens, o amarelo dos campos, o azul do mar. As escolhas foram distintas, a personagem Qfwfq, escolhe por permanecer no mundo das cores, um mundo diferente do existente até então. Ayl, no entanto, não se convence a deixar seu mundo cinza. Escolhe por permanecer sob o paredão de pedra longe da luz e das cores. Diante da amplidão de cores que ganha o mundo, Ayl escolhe fugir delas e permanecer no mundo cinzento. Porque? Podemos pensar que as cores podem ser atraentes, como o são para Qfwfq, mas não permitem que Ayl possa ser ela mesma. As cores não são Ayl e Ayl não pode ser nas cores, porque antes ela é o e no cinzento.

Tal situação nos leva a refletir sobre o fundamento ontológico da continuidade do ser, isto é, a geograficidade. Como esta propriedade

geográfica que permeia a relação ser-lugar confere à esta a especificidade que lhe permite existir enquanto unidade.

O sujeito está no mundo, situa-se numa espacialidade cujos atributos derivam, se definem em função de ser espacialidade constituída na relação com o sujeito. O sujeito se situa num aí, que é desdobramento, que deriva da própria condição do ser-aí. Esta espacialidade se origina na mutualidade da geograficidade. Ela é construída. O sujeito a constrói em seu habitar, ato em que a narrativa do Eu se coaduna à narrativa do lugar. Habitar fomenta um sentimento de pertencimento firmando o lugar como a base existencial do sujeito. Sua existência se coloca como anteparo e como sustento do Eu. O sentido do lugar suscita um sentimento de bem-estar, uma sensação de a alma estar sendo nutrida. É habitando que o sujeito realiza seu modo de ser-e-estar no mundo (MARANDOLA JR., 2008b).

3.1 *Construir e habitar o lugar: geograficidade e diferença*

*Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos,
ou seja, à medida que somos como aqueles que habitam.*
(HEIDEGGER, 2001, p.128 – grifo do autor)

O que fazer quando ao acordar verifica-se que a temperatura está -22°C? Pensemos em algo bem simples: como atravessar a distância, que agora parece enorme, da porta de casa até o carro? Para uma pessoa que nunca vivenciou tal temperatura, podemos dizer que seria uma tarefa no mínimo difícil. Ou como se acostumar a viver em um apartamento cujas dimensões são pequeníssimas? Aprender a lidar com espaço interno reduzido exige adaptar certos hábitos, de forma a morar confortavelmente.

Essas são situações simples e cotidianas, mas que colocam uma questão importante: a geograficidade confere diferença à unidade ser-lugar, e se desdobra em sentidos estéticos, morais, práticos e hábitos que asseguram o sentimento de estabilidade, pela certeza de conseguir lidar com as situações da vida. Estar num lugar em que a temperatura de -22°C é comum é diferente de estar num lugar de temperaturas mínimas de no máximo 10°C. Ou estar num

lugar cujas residências podem ocupar até um quarteirão é diferente de estar num lugar em que as residências ocupam alguns poucos metros. Cada qual apresenta seus próprios rituais formais e informais de interação intersubjetiva, porque eles se constituem a partir uma mescla de elementos que se desdobra em unidade singular. A geograficidade dota os lugares de qualidade e significado, os lugares têm, como diz Dardel (2011), nome próprio. Não é simplesmente a cidade, ou o deserto, ou o rio, mas sim Paris, São Paulo, Tóquio; Saara, Kalahari; Araguaia, Tiete, Nilo.

A geograficidade: cumplicidade entre Terra e homem (DARDEL, 2011) sustenta nosso ser se afirma como fundamento ontológico do ser-no-mundo, conferindo-lhe e afirmando a natureza da existência e do destino do homem sobre a Terra. Esta propriedade geográfica emerge de uma experiência primitiva qualificadora, que alcança a profundidade e espessura da substância telúrica.

Esta experiência elementar de envolvimento com e conhecimento do mundo brota do habitar. É por meio deste habitar que se funda e erige a maneira de ser-e-estar no mundo. Segundo Heidegger (2001, p. 127 – grifo do autor) “o homem *é* à medida que *habita*”. O sujeito constrói seu lugar através, para e a partir da existência de seu habitar. Pensamos a experiência do habitar como uma experiência do telúrico. Em outras palavras, o ser é chamado para realizar sua condição terrestre, e toma consciência de sua inescapável responsabilidade sobre sua própria existência. A Terra se torna cúmplice dos desígnios do ser, como condição de existência e de toda ação de contruir, cultivar e habitar (DARDEL, 2011).

Os migrantes buscam constituir, edificar seus lugares de modo que eles possam habitar. Segundo Heidegger (2001, p.139), “a essência de construir é deixar-habitar”, isto é, devolver o sujeito ao abrigo de sua essência: sua existência. As construções demarcam a essência, dando a ela moradia. Os sujeitos em sua geograficidade habitam, e então, eles cuidam, protegem e cultivam sua condição de ser no aí, eles resguardam a si mesmos, resguardando seu abrigo, sua instância e circunstância. Esse resguardo, segundo Marandola Jr.

(2008a; 2008b), faz do habitar um modo de alcançar a segurança existencial-ontológica.

Construir um lugar que permita ao migrante habitar é essencial para continuidade de sua identidade. O ser mantém sua identidade, aquilo que lhe projeta para fora de si e põe no mundo (HEIDEGGER, 2001) na medida em que constrói um aí, uma situacionalidade. Nesse construir o sujeito faz escolhas de como remeter-se ao mundo, como existir, e esse existir tem como fundamento o conjunto de relações estabelecidas, as relações que o sujeito se vê posto com o lugar, com o mundo (MARTINS, 2007).

Posto isto, nos remetemos ao princípio da identidade discutido por Heidegger (1999) em sua conferência: “O princípio da identidade” e indagamos como o sujeito pode continuar a ser consigo mesmo ele mesmo o mesmo? Pensamos que esta pergunta perpassa uma outra. Porque afinal de contas o sujeito sente uma necessidade intrínseca, irrevogável em se remeter aos seus lugares de origem, aos seus lugares de memória, isto é, os lugares que ele viveu até então e que o construíram enquanto o que ele é? Entendemos que esta questão é essencialmente ontológica. Discuti-la é discutir o ser e a necessidade de dar continuidade à sua narrativa existencial. Isto está ligado a identidade. A coerência do Eu é indissociável da possibilidade de manter sua identidade.

3.2 *Identidade: ser e lugares*

Se nos postarmos a pensar a condição do migrante, e nos questionarmos sobre seu processo de inserção no local de destino, iremos nos deparar com um movimento que toca diretamente o ser dos migrantes. O deslocar-se dos migrantes de seus lugares para lugares alheios implica num abalo direto no ser. Esse deslocar-se coloca em cheque aquilo que acreditamos ser.

Migrar coloca um empecilho, um questionamento ao ser do migrante. Estes precisam ser de alguma forma contornados. Este superar envolve que o ser seja devolvido a ele mesmo. Para tanto o ser migrante tem

alguns caminhos, contudo todos eles abarcam em alguma medida (1) o transformar-se, isto é, permitir a si mesmo mudar sua forma de existência e seu ser no mundo ou (2) resistir e buscar sua coerência narrativa e existencial continuando a ser aquilo que é.

O que queremos dizer com empecilho? Entendemos que um traço característico do ser é a geograficidade. O ser sempre é um ser-aí e, portanto, ele é, ou melhor, só pode ser, estabelecendo uma relação orgânica com esse aí. Este aí é nossa base existencial, em outras palavras é o nosso lugar, onde estabelecemos nossas relações mais diretas com o mundo. O lugar é onde podemos ser, é onde o ser pode continuar a ser. Neste sentido, o lugar resguarda a essência do ser, ele devolve o ser a ele mesmo. Quando nos deslocamos, perdemos em alguma medida este resguardo. Diante daquilo que é alheio e estanho, que é opaco e ilegível a narrativa do Eu até então traçada se encontra desencaixada, deslocada, isto é, lhe falta um contexto em que possa se articular e continuar se processando.

Em vista disto, as opções do migrante, estão em transformar-se de forma a se adaptar a esse contexto alheio ou agir modificando-o, para então, dar a sua narrativa existencial a consistência desejada, de forma a manter sua segurança existencial. Posto isso, podemos apontar pelo menos três movimentos por parte dos migrantes.

Existem os migrantes que experienciam e incorporam o lugar de destino transformando seu ser, isto é, o ser se permite abrir as experiências do novo lugar somatizando-as. Tal movimento é recorrente em situações em que a busca do migrante é justamente do novo, de um lugar que ele possa ser diferente. Muito embora ele não possa apagar seu passado, um novo lugar poderia lhe dar a possibilidade de um recomeço. Podemos pensar no caso dos refugiados que sofreram fortes traumas. Ou um simples descontentamento, uma inquietude em relação ao lugar em que se está, uma sensação de “este não é meu lugar” “aqui não posso ser eu mesmo”.

Existem migrantes que vivenciam e experienciam o lugar alheio, mas, contudo, não se modificam enquanto ser, ou desde o ser. Nesse último caso, eles optam por constituir seus lugares no destino em alusão aos

lugares de origem, isto é, os lugares vividos até então. Esta opção se desdobra em duas outras:

- (1) A opção de recorrer, quase que exclusivamente, à memória do lugar de origem para a constituição dos lugares. Isto é, o migrante constitui seus lugares resgatando sua concepção sobre seu lugar de origem. Esta constituição do lugar pela memória decorre de um sentimento de nostalgia e, por vezes, se mostra descolada da realidade geográfica (presente) do lugar de origem. Por exemplo, o migrante japonês que migrou para o Brasil, em 1920, tinha uma maneira própria de ser-no-mundo. Quando no destino, esse migrante, da maneira que pode, constituiu seus lugares recorrendo a suas memórias. Esse aí constituído permitiu ao migrante ser ele mesmo. Contudo, estes lugares estão descolados dos seus lugares de origem, no sentido que há uma discordância entre o lugar vivido pelo migrante em 1920 e a suas feições, natureza e funções no presente. O tempo os modificou, mas o migrante não pode acompanhar suas mudanças e apreendê-las. Pela impossibilidade da transitividade diante da distância, do tempo e dos custos.
- (2) A opção da constituição dos lugares a partir da manutenção de um trânsito contínuo entre origem e destino. O migrante, em busca de dar coerência a sua narrativa existencial, constitui seus lugares no lugar de destino em menção aos seus lugares de origem. Contudo, eles recorrem não só à memória, mas também ao intercâmbio que eles mesmos estabelecem entre origem e destino. Por exemplo, em Los Angeles, Boston ou Nova Iorque, nos Estados Unidos onde é possível se deparar com um grande portal de cor vermelha vibrante, seguido de letreiros ideogramas chineses e templo adornados das Chinatowns, redutos dos migrantes

chineses; ou andando pelas ruas de Montevideu, podemos encontrar escondido, meio tímido, um letreiro em ideogramas coreanos, estamos num restaurante coreano na zona do porto da cidade.

Existem ainda, os migrantes, que resistem as mudanças ontológicas optando por transitar entre os lugares genéricos. Estes lugares existem de maneira uniforme em todas as localidades, o que permite ao migrante dar continuidade a sua narrativa existencial independentemente da localidade. Como as cidades globais e os circuitos cosmopolitas.

Em todos estes casos o migrante experiencia uma situação de transitoriedade ontológica, isto é, uma busca do migrante por situar-se no mundo e retomar sua segurança existencial. Esta transitoriedade envolve uma sensação de incongruência entre o ser e o mundo e uma negociação do ser no mundo. Esta é um movimento em busca de uma continuidade do ser. Mas não no sentido de monotonia, ou nas palavras de Heidegger (1999), de uma unidade desprovida de relações.

A questão é como o movimento, da transitoriedade, pode conformar-se como um repouso, no sentido de as relações permitirem o ser, ser ele mesmo. Para que o ser possa estar no movimento junto das coisas, de maneira que ele mantenha conformidade com ele mesmo. Uma disjunção dos tempos do ser e das coisas, ou uma monotonia do ser teria como efeito de colocar o ser num estado infinito de início, isto é, cada momento o mundo que se apresentaria para nós seria um outro desconhecido. Seria como estar num estado constante de amnésia. Tal situação é inconcebível. Ainda que tudo esteja em movimento, o ser busca fixidez. É essencial sabermos quem somos, alcançar nossa unidade na identidade.

Contudo é preciso ponderar que esta transitoriedade ontológica vivida pelo migrante, decorre no contexto da fluidez contemporânea, em que a tendência é a todo o momento colocar em dúvida nossa narrativa existencial, nos fazendo sentir-nos deslocado. Esta fluidez tem a potencialidade de permitir uma intensa mobilidade, em função dos meios de transporte e o conhecimento dos eventos que ocorrem no mundo. Ambos têm o efeito de nos tornar

consciente de que as coisas se tornam diferentes a cada dia. Contudo, não podemos pensar ou estar em todos os lugares e as mediações da mídia não nos permite experienciar suas transformações. E neste sentido, a fluidez contemporânea incomoda, pois ela coloca ainda que indiretamente o ser em cheque, exigindo que a todo o momento ele se reafirme. O migrante precisa, então, conciliar em sua busca de ser-e-estar-no-mundo, lidar com a sua transitoriedade ontológica e os desafios impostos pela autoterapia, em outras palavras lidar com a reflexividade do projeto do Eu.

Retomemos a questão: Porque afinal de contas o sujeito sente uma necessidade intrínseca, irrevogável em se remeter aos seus lugares de origem? Pensamos que um reajuste de fundamento ontológico está na raiz da transformação que o ser migrante enseja nos lugares de destino. O lugar é onde o ser pode se realizar. Em vista disto, esta transformação é uma questão ligada à identidade. Esta que é concebida por Heidegger (1999) a partir de sua discussão sobre o princípio da identidade: $A=A$, como a mesmidade do ser. Segundo o filósofo, esta igualdade não tem por propósito assemelhar, mas sim indicar a mesmidade. Em outras palavras, o princípio não diz que A é A, mas sim que cada A é ele mesmo o mesmo, não é preciso dois na igualdade.

O princípio da identidade, então, é o princípio do ser, isto é, cada ente comporta uma identidade, faz parte deste a unidade consigo mesmo. A identidade confere unidade ao ser, como Heidegger (1999, p. 174) afirma, “Em cada identidade reside [...] a união numa unidade”.

O remeter-se aos lugares de origem dos migrantes e as transformações que dela decorre não pode ser entendido apenas como uma resposta à diferença ou ao Outro. Ou uma busca por estar com seus semelhantes seus pares e inserir-se na ordem de uma comunidade. Em outras palavras, uma busca pelo *comum*-pertencer, isto é, o sentido de pertencer é determinado a partir da comunidade (HEIDEGGER, 1999). É preciso ponderar que o migrante não continua a ser ele mesmo, exclusivamente por estar entre seus semelhantes, isto é, com pessoas com quem ele se identifica. Esta ideia pressupõe este *comum*-pertencer, que é um pertencer mediado e que se fundamenta numa abstração da identidade. Isto é concebe-se a comunidade, a partir de uma generalização, ou

nas palavras de Heidegger (1999), a partir de um centro unificador, que seria uma concepção daquilo que nos torna iguais. Embora cada ser tenha suas especificidades eles estão, nesta concepção, inseridos numa ordem.

Pressupor que a busca dos migrantes é por reaver estar junto de seus pares, é dizer que sua busca consiste na reintegração desta ordem e, portanto, ele busca uma abstração. Por exemplo, dizer que os brasileiros constituem seus lugares e realizam seus festivais para continuar serem brasileiros ou para continuarem a estar entre brasileiros é pensar um pertencer mediado, pela abstração da identidade: brasileiro. O que colocamos, é que os migrantes antes buscam continuar a ser eles mesmos, não apenas o brasileiro, mas sim uma busca mais ontológica que assegure sua narrativa existencial; sua identidade.

O ser sempre está em relação com. O migrante sempre está em relação com seus pares, isto é, com os outros migrantes, contudo, o migrante está, antes, em relação com ele mesmo. A relação que impera na identidade é a relação do mesmo consigo mesmo (HEIDEGGER, 1999). O migrante desta forma busca um comum-*pertencer*, isto é, comunidade determinada pelo pertencer. O migrante deseja pertencer sendo. Que quer isto dizer? Pertencer é proposto por Heidegger como uma reciprocidade. O comum-*pertencer* é um recíproco pertencer entre ente e ser. É nesta reciprocidade que o ser migrante busca sua mesmidade, sua unidade. Para que o ser migrante possa ser, basta ele mesmo; mantendo-se ele mesmo sendo para si o mesmo.

Pensamos este ente do ser como o lugar. Ser e lugar se apropriam reciprocamente um do outro e desta reciprocidade o ser se determina. É uma propriedade intrínseca ao ser a geograficidade, como Sack (1997) coloca, nós humanos, somos todos seres geográficos (*geographical beings*), ou *homo geographicus*. Segundo o autor, a geografia é a centralidade da natureza humana. Esta nossa natureza afeiçoa nosso mundo e nós mesmos todo o tempo. Voltamos então, novamente, a questão da necessidade do migrante de remeter-se aos seus lugares de origem. Colocamos que esta se trata de um desdobramento da natureza humana, de ser enquanto um ser espacial, um ser geográfico e de,

portanto buscar um comum-*pertencer*, um acontecer recíproco do ser com seu ente lugar.

Mas não qualquer lugar. O ser se realiza situado, em um aí, ou como Sack (1997) diria, o ser é uma força gravitacional que conflui uma mescla específica de elementos dos domínios natureza, relações sociais e sentido, que são os domínios constituintes do lugar. É nesta mescla de proporções singulares que o ser permanece sendo. A alusão aos lugares de origem é uma busca, não por reproduzir os lugares (pois isto seria impossível), mas sim de engendrar uma congregação elementos que acene para o lugar de origem, isto é, acontecer se apropriando daqueles elementos que lhe permitem se realizar enquanto ser.

O ser se constitui enquanto ser-no-mundo, em função de um acontecer, ou de um existir recíproco entre ser e lugar. Este acontecer se dá por meio da experiência geográfica do mundo. Isto é, o ser se relaciona com o mundo experienciando-o, sempre via corporeidade, visto que o ser está entregue ao homem (ente) e vice versa, o homem esta entregue ao ser (HEIDEGGER, 1999). Quando o ser sai ao mundo, sua intencionalidade faz com que ele se volte e relacione com dados elementos sensoriais. Essa atenção faz com que sejam percebidos e sentidos. Por meio de um processo cognitivo, esses elementos são entendidos e significados. Como desdobramento o ser reuni elementos significativos. A intencionalidade e volição, pode se dizer, são o ponto de partida para o surgimento da especificidade constituinte dos lugares (ENTRINKIN, 1980; MERLEAU-PONTY, 2006). Em vista disto, os lugares são um afluxo entre os elementos disponíveis, passíveis de serem percebidos e apropriados e as necessidades, vontades que direciona o ser a eles; nunca casualmente ou acidentalmente.

Contudo, é importante considerar que estas vontades e necessidades não são imutáveis. Pelo contrário elas podem ser alterar ao longo do tempo, mas elas de alguma maneira se mantêm circunscritas a um âmbito de possibilidades. Existe sempre um aí de onde o homem surge como ser, o qual é objeto do pensar e contruir (DARDEL, 2011). Em vista disto, embora haja esta mutabilidade das vontades e necessidades elas flutuam dentro de certo limite, elas não o extrapolam, pois isto significaria uma descaracterização do Eu.

Voltamos ao ponto, de que tudo está em movimento, em relação, mas em um movimento em conjunto e conformidade.

Giddens (2002) coloca que todos têm uma multiplicidade de escolhas, entretanto, não são todas as escolhas que estão abertas a todos. Segundo o autor, o estilo de vida (que pode ser aproximado ao modo de ser), envolve um conjunto de práticas, hábitos e orientações que tem unidade entre si e tal unidade é essencial para a segurança ontológica. As opções estão todas conectadas, nunca dispersas. Por exemplo, as vontades de uma pessoa com relação aos aspectos estéticos de sua casa podem se alterar com o tempo, ela pode querer mudar seus móveis, a disposição das coisas, as cores. Mas, não são qualquer móveis e quaisquer cores que são consideradas como uma opção, existe um estilo de móveis e uma gama de cores que fazem com que a pessoa se sinta bem, em outras palavras se sinta ela mesma. Um simples desalinhamento entre as vontades estéticas e a estética da casa faz com que a pessoa deixe de considerá-la como sua, colocando uma pedrinha no seu caminho narrativo.

Em vista disso, podemos dizer que o lugar do migrante sempre está em mutação, pela própria natureza movente do lugar, bem como, pela transitoriedade ontológica do ser migrante e as intervenções e apropriação pelos migrantes dos lugares no destino. Entretanto, esta mutação é sempre uma menção a uma gama de possibilidades derivadas da memória do lugar de origem. As vontades dos migrantes giram sempre ao entorno dos referenciais espaciais e culturais vividos pelo ser do migrante, suas mudanças ocorrem sempre em alusão ao lugar de origem. De modo que a narrativa existencial, ou a segurança ontológica possa ser mantida.

A migração é um fenômeno que atinge o ser do migrante. Diante dos relatos das experiências dos sujeitos que migraram, podemos apreender as implicações que a sua escolha e ato de migrar tiveram sobre o seu ser. Migrar é um fenômeno essencialmente espaço-existencial, significa deslocar-se, mover-se e, por vezes, transitar no espaço, entre lugares. Isto solicita que busquemos o entendimento centrado no ser, isto é, nas implicações que o ato migratório tem sobre a segurança existencial e quais as estratégias que o ser tem desenvolvido para lidar com a eventual abalo de sua narrativa

existencial, de forma a mantê-la coesa. Tais estratégias só se revelam, contudo, pela apreensão da experiência dos migrantes, isto é, apreendendo como é ser e estar no mundo como migrante. Tal apreensão permite uma aproximação ao âmago da questão ontológica da migração. A partir disto podemos entender melhor que significa para o ser migrante experienciar o deslocamento. Como na fala de Zahoua “Então você entende que para ele [pai de Zahoua, migrante argelino na França] a emigração é outra coisa; é muito mais duro, mais doloroso do que o discurso costumeiro sobre ‘desenraizamento’, sobre ‘acultura dos imigrantes’ que a gente ouve por todo lugar hoje em dia..., ouve demais” (SAYAD, 1998, p.195). O entendimento desta experiência, ponderamos, que recai na identidade.

Pensamos ser essencial compreender que a busca essencial do migrante é pela sua unidade na identidade, isto é, manter-se como uma unidade podendo o migrante consigo mesmo ser ele mesmo o mesmo. Este, entendemos, ser o ponto central para compreensão do fenômeno migratório do ponto de vista espaço-existencial, visto que, todo o processo migratório se coaduna, orienta e se move ao entorno desta necessidade intrínseca, irrevogável e primordial do ser que é: consigo mesmo ser ele mesmo o mesmo. Tal busca está sempre associada à constituição do lugar, visto que o ser é situado. O entendimento desta necessidade primordial, então, parte da compreensão do lugar, ou melhor, da relação estabelecida entre ser e lugar; pois, não podemos nos esquecer, que afinal de contas o migrante trata-se de um *homo geographicus*.

EM BUSCA DOS SENTIDOS DO MIGRAR

Que significa migrar? Entendemos que a resposta a esta questão solicitou e se desdobrou em um adensamento da palavra migrar. Se pensarmos esta conjunção de palavras: “significa” e “migrar”, com cuidado, iremos perceber que migrar adensa em si mesma uma amplitude de significados. Para apreendermos o significado de migrar é necessário pensar a multiplicidade em que ela se abre, desdobrando-a e observando a gama de valores e sentidos que ela expressa. Migrar é uma escolha, uma busca, uma implicação, uma conseqüência, uma solução, uma partida, uma chegada, uma construção, um questionamento, uma necessidade, um retorno, um intermédio, etc.

Esta busca por adensar a palavra migrar nesta multiplicidade de significados nos levou a pensar os sentidos do migrar que estão no cerne de seu entendimento pela própria natureza deste fenômeno: o movimento. Migrar é um “estar-entre”, uma transitoriedade ontológica, uma negociação, um desafio à segurança existencial, uma experiência. Migrar é ser migrante.

Pensamos esses sentidos a partir de um entendimento e uma proposta de enxergar o ato de migrar como uma questão ontológica. Em outras palavras como um ato que atinge e questiona o ser. Este entendimento deriva de algumas questões suscitadas pela necessidade de colocar o ser como centro dos estudos migratórios e entender a migração em sua dimensão espaço-existencial. Estas questões surgem porque entendemos que o migrar é essencialmente espacial no qual implica uma trajetória para a narrativa existencial (que abarca desafios e benefícios).

Compreender o migrar do ponto de vista espacial e experiencial, no entanto, precisa estar contextualizado às formas de experiência na modernidade líquida contemporânea. Este é um tempo no qual as decisões e responsabilidades são privatizadas e individualizadas. O migrante, em grande medida, é responsável pela autogestão do ato de migrar, que implica em decidir por migrar e lidar com as repercussões e possíveis abalos no ser.

Para isso é necessário desvencilhar-se da concepção metafísica da identidade, que se mostra central em muitos estudos sobre migração. Esta concepção nos direciona para um discurso sobre generalizações e abstrações identitárias (construções políticas), em que se incorre o risco de determinar preceitos e relações causais para o ato de migrar. Por isso, buscamos dialogar com a concepção heideggeriana de identidade, a fim de pensar a migração em sua dimensão ontológica, ou seja, a partir do ser migrante.

Esta concepção de identidade coloca em outros termos a necessidade intrínseca do migrante de se remeter ao lugar de origem. Os migrantes, seja em memória ou pela constituição de seus lugares, estão voltados para sua terra natal. Tal necessidade brota da relação ser-lugar, em que ser e lugar têm uma existência indissociável. Eles se constituem em um *comum-pertencer*. O lugar se afirma como a base existencial do ser, ao mesmo tempo em que é edificado pelas intenções e volições do ser. O ser realiza sua inescapável e imperativa busca pela coerência da narrativa existencial em seus lugares. Em outras palavras, os lugares se afirmam como a instância e circunstância em que o ser mantém a unidade na identidade, isto é, pode o ser consigo mesmo ser ele mesmo o mesmo.

Esta busca se desdobra em um “estar-entre” e na transitoriedade ontológica do migrante. Ambos estreitamente relacionados se retroalimentam continuamente. A transitoriedade ontológica do migrante é suscitada pela negociação da inserção do ser em uma realidade geográfica alheia. Em outras palavras, o ser busca amortecer os abalos e implicações de seu deslocamento, situando-se de forma que possa dar continuidade à sua narrativa existencial. Isto se reflete numa condição de “estar-entre”. Não há um movimento linear como: estou “aqui” e sou “daqui” e ao migrar estou “lá” e agora sou de “lá”. Situar-se no lugar de destino não é algo monolítico; é um processo muito mais fluído porque envolve as inconstâncias das vontades, intenções, humores e necessidade do ser, assim como as circunstâncias e as interações diversas no caminho. No mesmo sentido, não se trata de um processo de desligamento e religamento ou desenraizamento e enraizamento. O “estar-entre” é estar “aqui” e ao mesmo tempo estar “lá”; é a possibilidade da ausência-presente e da presença-ausente. É

neste limiar que o migrante negocia sua presença e coerência do Eu, em outras palavras, seu ser-e-estar-no-mundo.

Neste sentido, este trabalho é uma busca por entender o ato de migrar para além de seu sentido enquanto redistribuição da população, apreendendo as implicações da migração na dimensão existencial. Contudo, as discussões e reflexões aqui desenvolvidas são o início de um pensar, e por isso precisam ser desenvolvidas a partir da ampliação do diálogo entre os campos e os saberes em busca dos sentidos do migrar.

A potencialidade deste diálogo precisa ser explorada de modo que a migração e o migrante sejam concebidos de forma mais completa, incorporando os vários sentidos do fenômeno. Não é a busca de uma faceta a partir de uma vertente que deve direcionar (exclusivamente) nossa visão e motivação para o entendimento do migrar, o que nos conduziria à segmentação e fragmentação do fenômeno. Nossa busca precisa ser dialogada de modo que possamos explorar e articular os diversos sentidos e facetas da experiência de ser migrante.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. Home and away: Narratives of migration and estrangement. **International Journal of Cultural Studies**, v.2, n.3, p.329-347, 1999.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.

BAGNOLI, Anna. Between outcast and outsider: constructing the identity of the foreigner. **European Societies**, v.9, n. 1, p. 23-44, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BECK-GERNSHEIM, Transnational lives, transnational marriages: a review of the evidence from migrant communities in Europe. **Global Networks**, v.7, n. 3, p. 271-288, 2007.

BELK, Russel W. Attachment to possessions. In: ALTMAN, Irwin; SENTHA, M. Low (eds.), **Place Attachment: Human Behavior and Environment**. New York: Plenum, 1992, p.37-62.

BRETELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F. Migration theory: taking across disciplines. In: _____. (eds.) **Migration theory: taking across disciplines**. London: Routledge, 2008. p.1-29.

BUTTNER, Anne. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTNER, Anne e SEAMON, David (eds.) **The human experience of space and place**. London: Croom Helm, 1980.

_____. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CRISTOFOLETTI, Antonio. (org.) **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CALVINO, Italo. **As cosmicômicas**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

CASEY, Edward. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v.91, n.4, 2001. p.683-693.

COLOMBO, Enzo; LEONINI, Luisa; REBUGHINI, Paola. Different But Not Stranger: Everyday Collective Identifications among Adolescent Children of Immigrants in Italy. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 35, n. 1, p. 37-59, 2009.

DAL GALLO, Priscila M. **O papel da condição migrante e da mobilidade na estruturação dos espaços de vida em Holambra e suas implicações para a**

vulnerabilidade. (Relatório Final de Iniciação Científica). Campinas: PIBIC/CNPq, 2010.

DAL GALLO; MARANDOLA JR.. O método do diário: buscando a experiência de ser migrante. **Ateliê geográfico**, v. 4, n. 10, p. 173-185, 2010.

DARDEL, Eric. O homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011 [no prelo]

DUBOIS, Christian. **Heidegger**: introdução a uma leitura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

EHRKAMP, Patricia. Placing identities: Transnational practices and local attachments of Turkish immigrants in Germany, **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 31, n. 2, p. 345-364, 2005.

ENTRIKIN, J. Nicholas. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.

FERREIRA, Ricardo H. **Migrações internacionais: Brasil ou Japão** - o movimento de inserção do dekasegui no espaço geográfico pelo consumo. 2007. 177 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FINDLAY, Allan M; GRAHAM, Elspeth. The challenge facing Population Geography. **Progress in Human Geography**, v.15, n. 2, p. 149-162, 1991.

FITZGERALD, David. Colonies of the Little Motherland: Membership, Space, and Time in Mexican Migrant Hometown Associations. **Comparative Studies in Society and History**, v. 50, n. 1, p.145-169, 2008.

GARDNER, Katy; GRILLO, Ralph. Transnational households and ritual: an overview. **Global Networks**, v. 2, n. 3, p. 179-190, 2002.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

GOETTERT, Jones D. Gentes, migração e transividade migratória. **Espaço Plural**, v. 10, n. 20, p.53-62, 2009.

GOMES, Paulo C. C.. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GHOSH, Sutama; WANG, Lu. Transnationalism and identity: a tale of two faces and multiple lives. **Canadian Geographer**, v. 47, n. 3, p. 269-282, 2003.

HARDWICK, Susan W. Place, space, and pattern: geographical theories in international migration. In: BRETELL, Caroline B.; HOLLIFIELD, James F. (eds.) **Migration theory**: taking across disciplines. London: Routledge, 2008. p.161-182.

HEIDEGGER, Martin. Identidade e diferença. In: _____. **Os pensadores**. (trad. Ernildo Stein) São Paulo: Abril Cultural, 1999.

_____. Construir, habitar, pensar. In: _____. **Ensaaios e conferências**. (trad. Emmanuel C. Leão; Gilvan Fogel; Marcia S. C. Schuback) Petrópolis: Vozes, 2001. p.125-141.

HORTON, Sarah. A Mother's Heart is Weighed Down with Stones: A Phenomenological Approach to the Experience of Transnational Motherhood. **Culture, Medicine and Psychiatry**, v. 33, n. 1, p. 21-40, 2008.

HOUTUM, Henk Van; GIELIS, Ruben. Elastic Migration: the case of Dutch short-distance transmigrants in Belgian and German borderlands. **Tijdschrift voor economische en sociale geografie**, v. 97, n. 2, p. 195-202, 2006.

KAWAMURA, Lili. **Para onde vão os brasileiros?:** imigrantes brasileiros no Japão. Campinas: Ed. unicamp, 1999.

KIVISTO, Peter. Theorizing transnational immigration: a critical review of current efforts. **Ethnic and Racial Studies**, v. 24, n. 4, p. 549-577, 2001.

LECHNER, Elsa. Imigração e saúde mental. **Migrações**, n.1, p.79-101, set.2007.

LEVITT, Peggy; GLICK-SCHILLER, Nina. Conceptualizing simultaneity: A transnational social field perspective on society. **International Migration Review**, v. 38, n. 145, p. 595-629, 2004.

LÉVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. **GEOgraphia**, Niterói, ano III, n.6, p.07-20, jul./dez. 2001.

LEWICKA, Maria. What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. **Journal of Environmental Psychology**, v. 30, n.1, p. 35-51, 2010.

LEY, David. Myths and meanings of immigration and the metropolis. **Canadian Geographer**, v. 43, n. 1, p. 2-19, 1999.

_____. Transnational spaces and everyday lives. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 29, n. 2, p. 151-164, 2004.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço:** Uma Nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MALPAS, Jeff. **Place and Experience:** a philosophical topography. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. **Heidegger's Topology:** Being, Place, World. Massachusetts: MIT press, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a abordagem cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 30, n. 3, p. 393-419, 2005a.

_____. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, Goiânia, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005b.

_____. **Habitar em Risco**: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. 2008a. 278f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Insegurança existencial e vulnerabilidade no habitar metropolitano. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v.18, n.29, p.39-58, 2008b.

_____. Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar. **Antropolítica**: Revista Contemporânea de Antropologia, Niterói, v. 24, n. 1, p.195-218, 2008c.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila M. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 2010. [aceito para publicação].

MARTINS, Élvio R. Geografia e Ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP** – espaço e tempo, São Paulo, n. 21, p. 33-51, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MORGAN, Paul. Towards a developmental theory of place attachment. **Journal of Environmental Psychology**, v.30, n. 1, p.11-22, 2010.

MORIYA, Renato M. Fenômeno Dekassegui: Um olhar sobre os adolescentes que ficaram. In: SIMPOSIO “15 ANOS DO MOVIMENTO DEKASSEGUI: DESAFIOS E PERSPECTIVAS”, 1., São Paulo, 2001. **Anais**. São Paulo: Paulo’s comunicação e Artes Gráficas Ltda, 2001. 111-113.

NAGEL, Caroline R.; STAEHELI, Lynn a. Integration and the negotiation of ‘here’ and ‘there’: the case of British Arab activists. **Social & Cultural Geography**, v. 9, n. 4, p. 415-430, 2008.

NAGEL, Caroline R. Rethinking Geographies of Assimilation. **The Professional Geographer**, v. 61, n. 3, p. 400-407, 2009.

NELSON, Lise; HIEMSTRA, Nancy. Latino immigrants and the renegotiation of place and belonging in small town America. **Social & Cultural Geography**, v. 9, n. 3, p. 319-341, 2008.

NITSCHKE, Gunter. MA: the Japanese sense of place in old and new architecture and planning. **Architectural Design**, Tokyo, n. 36, p. 116-156, 1966.

NOWICKA, Magdalena. Mobile locations: construction of home in a group of mobile transnational professionals. **Global Networks**, v. 7, n. 1, p.69-86, 2007.

OKANO, Michiko. Ma: o espaço intervalar. In: FERRARA, Lucrecia D. (org). **Espaços comunicantes**. São Paulo: Annablume; grupo ESPACC, 2007a.

_____. **MA: entre-espço da comunicação no Japão** – um estudo acerca dos diálogos entre Oriente e Ocidente. 2007, 166 f. Tese (doutorado em comunicação e semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007b.

PILGRIM, Richard B. Intervals (Ma) in space and time: foundations for a relifio-aesthetic paradigm in Japan. **History of religions**, Chicago, v. 25, n. 3, p. 255-277, 1986.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: Ed. Unesp, 1996.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pilon, 1976.

RAVENSTEIN, E.G. As leis da migração. In: MOURA, H. A. (org.). **Migração interna, textos selecionados: teorias e modelos de análise**. Fortaleza: BNB, 1980. p.19-88.

ROSSETTI, Regina. **Movimento e Totalidade em Bergson: a Essencia Imanente da Realidade Movente**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SACK, Robert D. **Homo Geographicus**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCANNELL, Leila; GIFFORD, Robert. Defining place attachment: A tripartite organizing framework. **Journal of Environmental Psychology**, v. 30, n. 1, p. 1-10, 2010.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines and place-ballets. In: BUTTIMER, Anne e SEAMON, David (Orgs.) **The human experience of space and place**. Londres: Croom Helm, 1980. cap. 7, p. 148-165.

SINATTI, Giulia. Diasporic Cosmopolotanism and Conservative Transnacionalism: narratives of Nation among senegaleses Migrants in Italy. **Studies in Ethnicity and Nationalism**, v. 6, n. 3. p. 30-50, 2006.

_____. The Making of Urban Translocalities: Senegalese Migrants in Dakar and Zingonia. In: SMITH, Michael P.; EADE, John Eade, (eds). **Transnational Ties: Cities, Migrations, and Identities**. New Jercey: Transaction Publishers, 2008. p. 61-76

SHIRAKAWA, Itiro. Emigração e transtornos mentais dos brasileiros no Japão. In: SIMPOSIO “15 ANOS DO MOVIMENTO DEKASSEGUI: DESAFIOS E PERSPECTIVAS”, 1., São Paulo, 2001. **Anais**. São Paulo: Paulo’s comunicação e Artes Gráficas Ltda, 2001. 111-113.

SOARES, Weber. Para além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circulação topológica da migração internacional. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13, Ouro Preto, 2002. **Anais**, Campinas, 2002.

_____. Análise de redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.21, n.1, p.101-116, jan./jun. 2004.

STODOLSKA, Monika; SANTOS, Carla A. You must think of Família': the everyday lives of Mexican migrants in destination communities. **Social & Cultural Geography**. v. 7, n, 4, p.627-647, 2006.

TREWARTHA, Glenn T. A case for Population Geography. **Annals of the association of American Geographers**, v. 43, n. 2, p. 71-97, 1953.

TUAN, Yi-Fu. Place: an experiential perspective. **The Geographical Review**, v.6, n.2, p. 151-165, 1975.

WATANABE, Alexandre F. **A experiência das raízes e o Dekassegui**: um estudo de psicologia social a partir de reconstrução autobiográfica. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

WESSENDORF, Susanne. 'Roots Migrants': Transnationalism and 'Return' among Second-Generation Italians in Switzerland. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 33, n. 7, p. 1083- 1102, 2007.

ZELINSKY, Wilbur. **Introdução à Geografia da População**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.